

P. Requie Sanati Baptisti



atos

do conselho geral

ano LXXIII outubro-dezembro 1992

N.º 342

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

N. 342

ano LXXIII

outubro-dezembro

1992

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ Convidados a testemunhar melhor a nossa consagração	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Luc Van Looy As grandes concentrações juvenis: Expressão do movimento juvenil salesiano	43
	2.2 P. Antonio Martinelli A organização inspetorial da Família Salesiana de Dom Bosco	50
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	60
	4.2 Crônica do Conselheiro	60
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Reconhecimento da pertença do Instituto das Irmãs Catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora à Família Salesiana	64
	5.2 Nova circunscrição jurídica em Madagáscar	66
	5.3 Nomeação do Postulador Geral	67
	5.4 Novos Inspetores Salesianos	68
	5.5 Novos Bispos Salesianos	69
	5.6 Irmãos falecidos (1992 — 3ª lista)	71

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

CONVIDADOS A TESTEMUNHAR MELHOR A NOSSA CONSAGRAÇÃO

Introdução: importância do próximo Sínodo de 1994 - Uma dificuldade - Um autorizado subsídio para a preparação - A renovação incompleta - Aspectos de eclesialidade na nossa experiência pós-conciliar - Grandes metas abertas - Exigências da Nova Evangelização - Esperamos do Sínodo uma presença renovada do mistério de Cristo no mundo - Conclusão: Maria, Modelo e Auxílio da vida consagrada.

Roma, Natividade da Virgem Maria
8 de setembro de 1992

Queridos Irmãos,

hoje, festa da Natividade da Virgem Maria — dom do Pai para a nossa salvação —, convido-os a refletir sobre a generosa iniciativa de Deus na nossa vocação, sobre sua constante presença e sobre a preciosa contribuição da sua graça: um dom gratuito que se torna história em nossa vida. Vejo-os mergulhados no trabalho, animados sempre daquela “caridade pastoral” que o Santo Padre tão bem descreveu e aprofundou na Exortação Apostólica “Pastores Dabo Vobis” capítulo 3º: “o Espírito do Senhor está sobre mim”,¹ É uma orientação magisterial que ilumina a “consagração apostólica” para que seja centro vivo de toda a nossa interioridade.

¹ *Pastores Dabo Vobis* 19-33

Haverá dentro em pouco um novo evento eclesial que concentrará a atenção sobre a natureza e missão da “Vida consagrada” no Povo de Deus. O Papa convocou os Bispos, para fins de 1994, a

um Sínodo ordinário — o nono — que tratará deste tema. Considera-o vital para a renovação de todos. Há no mundo necessidade urgente de mais acentuado espírito das bem-aventuranças testemunhado pelos “consagrados”.

O Sínodo atacará o tema em relação à Igreja universal, à diferença de outros Sínodos particulares (como a 4ª Assembléia dos Bispos Latino-americanos ou o próximo Sínodo africano), os quais visam a uma resposta pastoral às interpelações dos próprios contextos. São dois modos de guia pastoral, ambos indispensáveis e complementares: um aprofunda os valores de identidade para todo o Povo de Deus, o outro — à luz da comum identidade eclesial — refere-se concretamente aos diferentes desafios culturais e sociais dos povos: unidade e pluralidade numa pastoral simultaneamente de transcendência e de encarnação.

A visão geral do Sínodo-94 está orientada, evidentemente, para traduzir-se nas particularidades quer dos vários Institutos de Vida consagrada, quer das exigências culturais das várias regiões. A sua importância, porém, é prévia e orientadora.

Se considerarmos os últimos sínodos de nível universal (por exemplo, o extraordinário a vinte anos do Concílio, o sobre os fiéis Leigos, o sobre a formação dos presbíteros), compreenderemos logo em que consiste o aspecto de unidade eclesial e a sua importância para a aplicação aos diferentes contextos.

Os sucessores dos Apóstolos estarão empenhados em refletir pastoralmente sobre a “Vida Consagrada” hoje no mundo: sobre suas múltiplas formas de tender à santidade e sobre seus vários papéis de testemunho e serviço. Dever-se-á entrar no coração do mistério da Igreja, donde jorra toda a energia da

santificação. Se os “consagrados” — em qualquer País do mundo — não concentrarem seus esforços neste aspecto, expor-se-ão ao perigo de correr em vão. Não basta “suar” e encarnar-se entre os homens: é necessário anunciar-lhes — de maneira existencial e operativa — a profecia da ressurreição.

O próximo Sínodo relançará para nós e para todos o empenho eclesial de “dar brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças”.² Considero particularmente salutar que na Congregação se vá já desde agora cultivando a consciência da importância deste Sínodo, da sua preparação e celebração.

² *Lumen Gentium*, 31

Como pode e deve ser a nossa participação, pessoal e comunitária? Não é simples dar uma resposta fácil para todos. Há que repensar — de maneira sintética — na laboriosa procura e vivência de uns trinta anos: olhar para aspectos já afirmados e repetidos, mas que se devem considerar sob outra óptica. Trabalho um tanto árduo; profícuo, porém, e estimulante.

Ao menos para dois aspectos parece-me não deveria faltar a nossa contribuição: um esforço renovado em viver, de maneira mais convicta e coerente, a nossa vocação salesiana, autorizadamente redefinida e reatualizada na Regra de vida; e um vivo e assíduo interesse por tudo o que na Igreja se fizer para uma adequada preparação para o próximo evento. Minha carta apresenta algumas indicações que visam justamente a envolver a todos e a cada um nessa dupla direção.

Dia 2 de fevereiro passado, festa da Apresentação do Senhor, tive a felicidade de concelebrar como o Santo Padre na basílica de São Pedro repleta de religiosos e religiosas. Foi significativa a

tradicional oferta das velas. O Papa disse na homilia: “Ao acender hoje estas velas que significam a luz de Cristo, iniciamos também a preparação para a próxima Assembléia do Sínodo dos Bispos, que tratará, como sabeis, da Vida Consagrada e do seu compromisso na Igreja e no mundo. Às portas do ano dois mil, irá tratar da vossa vida, da vossa consagração, do vosso modo de participar na evangelização e, por conseqüência, na atividade missionária da Igreja. Acompanhai os trabalhos preparatórios *com a vossa oração!* Participai ativamente nas consultas que vos serão feitas. Os sucessores dos apóstolos querem ajudar-vos a serdes fermento evangélico e evangelizador das culturas do terceiro milênio e das orientações sociais dos povos”³.

Esta última expressão do Papa faz-me pensar na notável evolução da Vida Consagrada nestes decênios do pós-concílio, não obstante os defeitos que nunca faltam nos processos humanos. Vivemos os inícios de uma nova etapa de vitalidade na sua história secular. Saindo de uma estação um tanto invernal, vive uma hora de primavera e se abre ao futuro para crescer com mais vigor e confiança.

O Vaticano II provocou deveras um novo começo eclesial. Há que meditar com alegria, ainda que imersos em preocupantes problemas, sobre quanto afirmou Paulo VI: “Estamos a viver na Igreja um momento privilegiado do Espírito. Somos felizes ao nos colocarmos sob sua moção. Recolhemo-nos em torno a Ele, e por Ele queremos deixar-nos guiar”⁴.

Dediquemo-nos, pois, com diligência à preparação do Sínodo.

³ Osservatore Romano, 3-4 fevereiro de 1992

⁴ *Evangelii Nuntiandi* 75

Uma dificuldade

O Sínodo-94 não se dedicará à consideração da índole própria de cada Instituto e nem apenas da “Vida Religiosa”, mas ao significado global e à importância eclesial de toda a “Vida Consagrada”. Entram nesta óptica também os Institutos Seculares, as outras formas de especial consagração e as Sociedades de vida apostólica.

Perguntamo-nos então se esta extensão da óptica sinodal não corre o risco de certa dispersão e genericismo. A amplitude dos temas não prejudicará o aprofundamento e a concretude das orientações conclusivas?

Vendo a já iniciada programação do trabalho por fazer, pode-se supor que a ampliação da óptica não impede, de fato, que em momentos específicos possam os Padres sinodais concentrar a atenção em alguns grupos concretos, por exemplo, os da “Vida Religiosa” enquanto tal. Eles constituem, com efeito, a “pars magna” da Vida Consagrada.

Por outro lado, porém, deve-se reconhecer que hoje no Povo de Deus — a começar pelos responsáveis da pastoral — é verdadeiramente conveniente, antes urgente, precisar a dimensão eclesial e o papel peculiar de toda a Vida Consagrada. Neste sentido, a extensão do âmbito de consideração tornar-se-á particularmente útil quando menos por dois motivos.

O primeiro é aprofundar, antes de tudo o mais, dois aspectos substanciais comuns, sem os quais não se vive a consagração, ou seja, o componente fundamental que se encontra na raiz da índole própria e diferente de cada grupo. Assim, por exemplo para nós, o ser “verdadeiro cristão” (que é o aspecto fundamental comum) é a alma do ser

“salesiano” (que é a diferença da nossa índole própria). Já o afirmava o Capítulo Geral Especial 20º: a nossa seqüela de Cristo — lê-se nos Atos — “não é algo estranho à consagração batismal, mas um modo de viver o compromisso do batismo numa das diferentes e complementares vocações cristãs, todas elas suscitadas pelo Espírito. Não há dois planos nessa vocação: o da vida religiosa um pouco mais alto, o da vida cristã um pouco mais baixo. Para quem é religioso, testemunhar o espírito das bem-aventuranças com a profissão dos votos é a sua única maneira de viver o batismo e ser discípulo do Senhor, cumprindo assim um serviço diferenciado na missão global da Igreja”.⁵

5 CGE 106

O segundo é apreciar “historicamente” a diversidade tipológica de cada carisma para ver neles, contemplando a experiência concreta, a inexaurível criatividade do Espírito do Senhor ao longo dos séculos, em resposta original às múltiplas e variáveis situações do contexto em que a Igreja realiza sua missão. Isto obriga a olhar a Vida Consagrada para muito além das interpretações conceituais elaboradas com esquemas abstratos.

Assim, melhor se entenderá tanto a vitalidade comum que se deve reforçar quanto a originalidade de cada índole própria que se deve interpretar como multiforme expressão histórica da única caridade infundida pelo Espírito.

Precisamente neste sentido é que se está preparando o Sínodo. Por outro lado é melhor esperar a sua celebração antes de emitir juízos de valor.

Um autorizado subsídio para a preparação

Sairá logo, para nosso uso, um subsídio do Conselho do Sínodo dos Bispos, comumente chamado “lineamenta”. Será um estímulo para a reflexão ao longo da etapa de preparação. Consta de três partes complementares:

- a visão doutrinal da Vida Consagrada no mistério da Igreja (sua “identidade”);
- sua situação atual, depois do tormentoso e fecundo caminho percorrido do Vaticano II até hoje;
- sua missão: visando sobretudo a que respostas dar aos desafios da Nova Evangelização.

Tendo presente quanto afirma o Concílio, isto é, que a Vida Consagrada “embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está contudo firmemente relacionada com sua vida e santidade”,⁶ pensamos que os Sucessores dos Apóstolos que- rerão destacar, antes de tudo, os valores vitais inerentes ao seguimento de Cristo, os únicos capazes de estimular “eficazmente todos os membros da Igreja para o cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã”.⁷ Os “consagrados” são chamados a fazer descobrir aos outros quanto o Espírito do Senhor doou ao Povo de Deus mediante sua consagração.

Se nos deixarmos interpelar por este objetivo sinodal, compreenderemos melhor que o processo de renovação em que nos sentimos envolvidos não pode ser apenas um problema de método e de programações pastorais; ele é, em primeiro lugar uma atitude espiritual de opção fundamental, uma mentalidade, um discernimento, uma concepção de

⁶ *Lumen Gentium* 44

⁷ *ib.* 44

vida; antes, justamente essa conversão à interioridade torna-se fonte e estímulo à procura das metodologias adequadas e constitui a alma de toda programação operativa.

Penso que o Sínodo nos garante uma renovada clareza e luminosos aprofundamentos ao partir, nas suas reflexões, do ponto de vista da *“eclesialidade”*. Esta, com efeito, atinge os “consagrados”, não somente enquanto referidos diretamente a Cristo, mas, também, a todos os membros do Povo de Deus, aos fiéis leigos e Pastores.

Um trabalho sinodal que certamente nos levará a refletir sobre a base doutrinal da Vida Consagrada, partindo prioritariamente não do âmbito da especificidade de cada Instituto — como estamos habituados a fazer entre nós —, mas, concentrando a atenção sobre a qualidade de fundo comum, que se deve ler eclesialmente através da nossa experiência peculiar, ligada a um dom do Espírito Santo também para os outros.

Somos convidados, de certa maneira, a percorrer um caminho inverso ao dos últimos Capítulos Gerais. Lá estávamos empenhados — partindo dos estímulos conciliares — em definir o nosso carisma herdado do Fundador (passávamos do patrimônio conciliar comum ao específico da índole própria). Aqui, ao invés, deveremos saber trazer — a partir da experiência da nossa identidade carismática — luzes e aprofundamentos sobre os valores comuns de eclesialidade (ou seja, passar do específico da índole própria ao patrimônio vital comum).

Do Vaticano II para cá fizeram-se progressos de tipo eclesiológico que têm necessidade de ser examinados para mútua iluminação visando a criar um crescimento harmônico: por exemplo, entre Igreja local e Vida Consagrada, entre Ministério e

Carisma, entre Comunhão e índole própria, entre Consagração e Missão, etc.

Isso tudo servirá para fortalecer em nós a consciência da hora germinal em que vivemos: um novo início da recorrente juventude da Igreja.

O Sínodo será, pois, uma ótima ocasião para aperfeiçoar o grande compromisso de renovação espiritual estendido a todo o Povo de Deus, iluminado e ricamente expresso pelos diversos Institutos de Vida Consagrada. Penso que o esforço que fizermos para individuar alguns aspectos da nossa vida para oferecê-los como fruto do caminho percorrido nestes anos, haverá de favorecer em nós mesmos uma consciência mais lúcida dos fundamentos bíblicos e teológicos tanto da consagração como da missão e dos conselhos evangélicos, da coresponsabilidade de cada irmão, da descentralização na unidade e do indispensável e fraterno serviço da autoridade.

A renovação incompleta

Ao considerar o caminho percorrido depois do Vaticano II, far-se-á uma espécie de balanço realista da evolução da Vida Consagrada também em relação ao devir da sociedade. Os processos de secularização e de socialização, com efeito, tiveram um peso não indiferente; não se pode ignorar a influência que exerceram sobre a evolução da Vida Consagrada, não tanto para julgar um eventual enfraquecimento deles, como para visar a um equilibrado discernimento dos valores positivos e da possível contestação evangélica que se deve renovar.

No caminho pós-conciliar chegamos a três progressos essenciais: esforços de renovação, em-

penhos de revisão, de repensamento, de feitura de projetos, iniciativas e experiências, problemas e dificuldades. Refletimos mais de uma vez sobre alguns aspectos particularmente incisivos destes decênios.⁸

As etapas do nosso caminho foram percorridas por bem cinco Capítulos Gerais: o 19º (1965), no qual se precisou, entre outras coisas, a natureza e o funcionamento do próprio Capítulo Geral: um trabalho indispensável, antes das demais etapas: — o 20º (1971), que foi o Capítulo “Especial”, realizou o delicado, vasto e longo trabalho de redifinir a nossa identidade salesiana na Igreja: — o 21º (1978) dedicou-se sobretudo à atualização do nosso Projeto educativo-pastoral, à função do Diretor e à figura do Salesiano Coadjutor; — o 22º (1984) levou a cabo a reelaboração da nossa Regra de vida; — e o 23º (1990) aprofundou e descreveu como levar a efeito nossa metodologia na educação dos jovens na fé.

Esses grandes Capítulos foram preparados com a cooperação dos irmãos de todas as Inspetorias, levando em consideração as orientações conciliares e as diversificadas exigências culturais. Vale a pena lembrar o enorme trabalho de preparação para o Capítulo Geral Especial (20º), sob a orientação do Reitor-Mor P. Luís Ricceri.

No decorrer das várias etapas foram certamente alcançados muitos frutos positivos: a referência viva ao Fundador, a significatividade da índole própria, a concepção e reelaboração da Regra de vida, a revalorização da Profissão religiosa, o realce dado ao espírito salesiano, a revisão das estruturas de serviço com a descentralização na unidade, o critério oratoriano de ação, a consciência renovada da

⁸ Cf., p. ex., os Capítulos Gerais 19, 20, 21, 22, 23; e depois, CGE 312: *O texto renovado da nossa Regra de vida*; ACG 316: *Atualidade e força do Vaticano II*; ACG 319: *O ano de 1988 nos convida a uma especial renovação da Profissão*; ACG 320: *O Guia de leitura das Constituições*; ACG 330: *O centenário de Dom Bosco e a nossa renovação*, etc.

dimensão comunitária, o cuidado da formação inicial e permanente, a generosidade missionária, o relançamento da Família Salesiana, o envolvimento dos leigos, etc. Mas isso tudo foi apenas proposto à prática e está por vir a ser, não está ainda realizado. A realidade da renovação está sempre a caminho; traz consigo tendências novas, desafios inéditos, diferenças culturais segundo os contextos e contínuos problemas que tem de enfrentar; além disso, os programas sexenais dos Capítulos não amadureceram igualmente em todas as Inspetorias; permanecem ainda entre os irmãos zonas de impermeabilidade.

Olhando também para os outros grupos de Vida Consagrada, há razões para falar de renovação “incompleta”. O qualificativo “incompleto”, muito embora reconhecendo os passos dados, denota que existem etapas de gradualidade e também dados infelizmente negativos. Basta pensar nos problemas e dificuldades que apareceram nestes decênios. Não é o caso de fazer aqui uma como lista dos mais graves, também porque — tratando-se de toda a Vida Consagrada — envolvem as faltas e carências de outros setores da Igreja. Não é fácil renovar todo o Povo de Deus em pouco tempo e em todas as situações geográficas. A incompletude é, destarte, evidente. O que é positivo e dá muita esperança é a renovação já em marcha por toda a parte.

Se voltarmos o olhar mais particularmente para dentro de casa, estamos mais do que conscientes de vários problemas: a lentidão da retomada espiritual devida a um clima de superficialidade, o obscurecimento de alguns valores essenciais como o enfraquecimento da ascese, o amortecimento do entusiasmo apostólico em várias obras, manifestações de desorientação em certos irmãos, o equilíbrio

inatingido — cá e lá — de algumas tensões, o perigo de um genericismo ou de um nivelamento que leva ao enfraquecimento da identidade, algumas concessões ao dissenso, não poucas expressões de individualismo e de aburguesamento, o não sempre claro testemunho público na sociedade, etc. Entre a fidelidade ao Fundador e ao Concílio, bem definida no texto constitucional, e a que se percebe na prática da vida quotidiana, existe de fato — ainda que em via de superação — uma não desprezível diferença.

A felicidade para nós consiste na constante referência a Dom Bosco e no esforço por imitar-lhe o tipo de santidade. Fosse vivo hoje, ele nos estimularia a um estilo de Vida Consagrada mais significativo em nível público no âmbito espiritual e ascético, como no apostólico (dado que ambos mutuamente se compenetraram de forma inseparável); mover-nos-ia outrossim a excogitar respostas novas, fruto de interioridade renovada, de magnanimidade em projetar, de indefesso espírito de sacrifício e de coragem apostólica.

Penso que a renovação pós-conciliar esteja a fazer-nos crescer na fidelidade dinâmica, ainda que constatando sua incompletude: pode-se dizer que estamos no bom caminho.

Em certas regiões, porém, se se acrescer aos perigos e aspectos negativos acima indicados a dramaticidade de crescentes vazios de pessoal e do envelhecimento, que acarreta uma condição precária para não poucas obras, a renovação deverá procurar com coragem soluções inéditas, deixando-se guiar pelo critério da significatividade, sobre o qual há tempo vimos insistindo.

De qualquer maneira, uma sinfonia incompleta é sempre uma sinfonia!

A celebração do Sínodo é ocasião propícia para corrigir as desafinações.

Aspectos de eclesialidade na nossa experiência pós-conciliar

No trajeto pós-conciliar experimentamos, com verdadeiro proveito, alguns grandes valores eclesiais inerentes à nossa vocação específica. Refletir sobre eles nos abre a possibilidade de oferecer à preparação do Sínodo (nas várias reuniões locais e gerais) elementos concretos para a renovação da Vida Consagrada. Enumeramos alguns, destacando neles o aspecto “*eclesialidade*” no seu sentido mais profundo, ou seja, não somente de “sentir com a Igreja” e de “operar na Igreja”, mas de “identificar-se com Ela” na vivência da própria vocação como expressão da sua vitalidade de graça, de doutrina e de responsabilidade evangelizadora.

Parecem-me de modo particular sugestivos os aspectos seguintes: o fato que a nossa vocação se encarna num “*carisma*”; o sentir-nos impregnados por uma especial “*consagração*”; o conceber a “*profissão religiosa*” como aliança com Deus tendo em vista um peculiar projeto evangélico; o participar — com a índole própria — da “*sacramentalidade*” do Povo de Deus; o qualificar-se nele, por iniciativa do Espírito, com uma específica “*escolha de campo*”.

Experimentamos quotidianamente o mistério da Igreja vivendo estes aspectos, que — embora com experiências tipológicas diferentes, especialmente acerca da opção operativa — são comuns aos outros consagrados. Vale, pois, a pena fazê-los emergir como fontes vivas de eclesialidade. Já falamos disso

muitas vezes, mas aqui o fazemos olhando para o tema do próximo Sínodo.

— “*Carisma*”. O fato de que o carisma dos Fundadores seja considerado uma “experiência do Espírito Santo” transmitida, conservada e desenvolvida⁹ como dom ao Povo de Deus, fez-nos sentir mais viva a participação no mistério da Igreja, experimentando a dimensão pentecostal da nossa vocação: vitalmente eclesial porque carismática.

⁹ Cf. *Mutuae
Relationes* 11

A consideração da variedade dos carismas estimulou-nos não tanto a seguir teorias e interpretações mais ou menos genéricas, mas a referir-nos com mais atenção à permanente presença, histórica e criativa, do Espírito Santo. O carisma do Fundador não é um dom vago e abstrato — uma espécie de mito —, mas uma vivência evangélica, uma realidade que é história; a sua identidade está inscrita em vários tipos de existência cristã e está ordenada constitutivamente à vida da Igreja. Aprendemos, desta forma, a procurar a origem de todo tipo de Vida Consagrada antes de mais nada na iniciativa do Espírito do Senhor ao longo do curso dos séculos.

Assim sendo, em vez de olharmos, por exemplo, para os monges do deserto como protótipos iniciais da nossa Vida Consagrada, mais bem descobrimos o nosso dom peculiar no modelo de vida dos Apóstolos, ao qual nos leva substancialmente a experiência de Espírito Santo vivida pelo Fundador. A consciência de estarmos unidos por laços particulares ao Espírito Santo, ao mesmo tempo que nos oferece horizontes mais vastos na procura dos modelos, intensifica o nosso conhecimento da vitalidade da Igreja.

O que há de novo em cada um dos carismas — a dimensão profética que ele demonstra na missão

salvífica do Povo de Deus — costuma ser uma leitura particular do Evangelho, um modo corajoso de enfrentar os novos desafios da sociedade. Relançar um carisma significa redescobrir os núcleos inovadores nele inseridos pelo Espírito.

De fato, ensina-nos a história que um carisma pode também provocar resistências, sem por isso diminuir nem “a coragem nas iniciativas, nem a constância em doar-se, nem a humildade em suportar os contratempos. A relação justa entre carisma genuíno, perspectiva de novidade e sofrimento interior importa uma constante histórica de conexão entre carisma e cruz”.¹⁰ Podemos dizer — nessa perspectiva carismática — que uma importante contribuição da Vida Consagrada à penetração e participação no mistério de Igreja é o protagonismo do Espírito Santo, sua presença vivificante e animadora no Corpo, sua multiforme fecundidade dirigida a criar comunhão, seu papel de construtor da unidade orgânica e católica mediante as precisas contribuições de tantas diferenças.

Mas devemos ainda acrescentar que o Espírito doa carismas apropriados e múltiplos também aos Pastores, encarregados de fazê-los convergir na comunhão eclesial: ao Papa e aos Bispos doa o carisma da coordenação dos carismas; e é precisamente por isso que o destaque dado ao protagonismo do Espírito torna clara como o dia a organicidade da Igreja qual “Corpo de Cristo”. Com efeito, antes das diversidades próprias da estrutura hierárquica, antes das diferenças dos dons e funções, e também durante o exercício dos vários ministérios e encargos, está o mistério da Igreja no qual todos são chamados a dar o primado à “vida do Espírito”.¹¹

¹⁰ ib. 12

¹¹ Cf. ib. 4

Sim: a referência ao Espírito como fonte de vida é para todos fundamento e fonte de genuína eclesialidade.

— “*Consagração*”. O Vaticano II provocou verdadeira viravolta na maneira de interpretar a “Vida Consagrada”. A própria terminologia, que agora se emprega, procede do “*consecratur*” da “*Lumen Gentium*”.¹² Por quem é “consagrada” essa vida? A resposta encontra-se justamente naquele verbo, usado no passivo; ele proclama Deus protagonista — mediante o ministério da Igreja — de especial consagração: não é unção sacramental, mas “solene bênção”, como diz o Ritual da Profissão, que assegura um dom especial e a assistência do Espírito Santo.

¹² *Lumen Gentium* 44

Desse ponto de vista, o qualificativo “consagrada” vem a ser o elemento que fundamenta a eclesialidade de tal vida.

O ato divino de “consagrar” insere — na linha do Batismo e da Crisma — uma especial “presença” do Espírito Santo. Ele se compromete a envolver, guiar, amparar e alimentar os que professam os conselhos evangélicos. A “consagração”, vista como “particular presença do Espírito”, torna-se fonte viva de esperança e demonstra assim um aspecto do papel vivificante do Espírito enquanto “alma” da Igreja.

Deve-se ainda acrescentar uma observação também importante: o ato consagrador de Deus com o dom do seu Espírito envolve simultaneamente tanto a “vocação” como a “missão”. É Deus que, dando o seu Espírito, “chama”, “consagra” e “envia” num único ato de providência e predileção. Desse ponto de vista “vocação”, “consagração” e “missão” são inseparáveis. Assim “consagração” e

“missão” vêm a ser como dois aspectos constitutivos de uma mesma realidade, na qual eles coexistem em mútuo intercâmbio: indicam um projeto de vida evangélico peculiarmente animado pela presença amorosa do Espírito Santo.

Esta observação tem não pequena incidência sobre a própria interpretação da Vida Consagrada. A “missão” não é algo exterior simplesmente identificável com a “ação apostólica”, mas iniciativa divina que a precede e guia: está diretamente incluída na consagração e se manifesta e define na “escolha de campo” inscrita no carisma do Fundador. Por esta forma, nascem da missão traços fisionômicos que informam o próprio compromisso dos conselhos evangélicos e determinam-lhe a tipologia eclesial e as modalidades de realização. Fazer os votos não leva a uma promessa vaga e genérica; significa, ao invés, fazer própria a radicalidade batismal de maneira bem definida por uma fisionomia peculiar derivada justamente da missão confiada por Deus.

Então já não existe tensão entre “consagração” e “missão” (sobretudo nos grupos de Vida apostólica), mas mútua compenetração e circularidade no intercâmbio dos valores eclesiais. Dizer “Vida Consagrada” significa indicar no Povo de Deus uma porção escolhida e designada pelo Senhor para o bem (santificação e apostolado) da Igreja, a qual, desta sorte, se enriquece de grande variedade de carismas, “como uma esposa adornada para o seu esposo; por ela se manifesta a multiforme sabedoria de Deus”.¹³

¹³ *Perfectae Caritatis* 1

Esta visão conciliar da “consagração”, à porção que se torna capaz de renovar profundamente a interioridade espiritual dos consagrados, realça um aspecto vital da sua eclesialidade: a

sagrada hierarquia intervém no ato de consagração para assegurar com o seu ministério a realização da vocação e missão expressa pelos diferentes carismas considerados um bem peculiar e próprio, que deve ser cuidado e defendido.

— *“Profissão”*. Chama-se profissão o ato com o qual o escolhido e chamado se doa totalmente a Deus (seu significado pleno se revela na “profissão perpétua”); compromete-se, além disso, a seguir radicalmente a Cristo, pondo em evidência algum aspecto do seu insondável mistério. O aprofundamento do sentido teológico da consagração ajuda a precisar o que faz o indivíduo na sua profissão. Ele propriamente não “se consagra” (na realidade “é consagrado”). Ele “oferece-se a si próprio” com uma oblação total. O aspecto radical desta oblação se encerra e manifesta nos “conselhos evangélicos”; neles é que se mede a generosidade da resposta ao chamado divino. A consagração da parte de Deus e a doação total de si com os conselhos evangélicos da parte do sujeito se unem inseparavelmente na “profissão”. Assim, no “professo” habitam os efeitos da particular presença do Espírito juntamente com a sua vontade de oblação radical; ele se chamará “consagrado” e sua existência “Vida Consagrada”.

Vemos, então, que o adjetivo “consagrado” tem um duplo significado: o da ação divina (“consagrado por Deus”) e o da doação radical, na qual penetra vitalmente a especial assistência do Espírito (“consagrado a Deus”). Uma e outra se devem à presença amorosa do Espírito Santo.

O compromisso radical de praticar os conselhos evangélicos está incluído numa verdadeira “aliança” (pessoal e de grupo) com Deus através do Fun-

dador, considerado à maneira de pai ou patriarca; aliança que faz conceber a emissão dos votos como uma resposta concreta ao projeto peculiar sugerido pelo Espírito ao Fundador. O fato da íntima unidade entre “consagração” e “missão” implica que os conselhos evangélicos sejam integrados vitalmente na missão peculiar recebida na consagração e no projeto concreto expresso no carisma. A Profissão, por conseguinte, não consiste simplesmente em fazer os votos, mas no propósito de vivê-los segundo o carisma do Fundador. A realização da missão dá o tom concreto e a fisionomia eclesial a tudo o que se ofereceu na profissão. A doação de si na prática dos conselhos evangélicos é determinada e medida pela realização da própria missão na Igreja, segundo a Regra de vida por ela aprovada.

Com razão afirma a “*Lumen Gentium*”: “Se, pois, os conselhos evangélicos, pela caridade a que levam, associam os seus seguidores de modo especial à Igreja e ao seu mistério, faz-se mister que a vida espiritual destes, por sua vez, seja devotada ao bem de toda a Igreja. Surge, por isso, a obrigação de se empenhar, conforme as forças e segundo o gênero da própria vocação, seja pela oração, seja também pelo trabalho dedicado, na implantação e fortalecimento do Reino de Cristo nas almas, bem como na sua dilatação por todas as partes”.¹⁴

Por esta forma, também deste ponto de vista, aparece com evidência a eclesialidade da Vida Consagrada: com razão “a Igreja protege e fomenta a índole própria” dos diversos carismas.¹⁵ “Índole própria” que é inerente às diversas profissões dos conselhos evangélicos e que “importa outrossim um estilo peculiar de santificação e de apostolado, com

¹⁴ *Lumen Gentium*

¹⁵ Cf. ib. 44

¹⁶ *Mutuae Relationes* 11 uma determinada tradição própria”.¹⁶

Estas diferenças carismáticas inscritas na profissão foram suscitadas pelo Espírito precisamente para enriquecer e dinamizar a Igreja na realização da sua missão de salvação.

— “*Sacramentalidade*”. A apresentação conciliar da Igreja como “Sacramento universal de salvação” fez com que este termo recuperasse o significado de testemunho e de sinal crível inerente à existência cristã: os batizados devem ser “sinais e portadores” do mistério de Cristo entre os homens.

A Igreja tem, pois, uma natureza sacramental manifestada por uma policromia de vocações que a tornam significativa para o povo, de muitas e diferentes formas. A Vida Consagrada é parte relevante dessa “natureza sacramental” da Igreja.¹⁷ A “*Lumen Gentium*” afirma, com efeito, que por meio dos “consagrados” a Igreja pode apresentar melhor Cristo, “ora contemplando no monte, ora anunciando o Reino de Deus às multidões, ora curando os enfermos e feridos e convertendo os pecadores ao bom caminho, ora abençoando as crianças e fazendo o bem a todos, mas sempre obediente à vontade do Pai que o enviou”.¹⁸

¹⁷ cf. ib. 10

¹⁸ *Lumen Gentium* 46

Esta múltipla significatividade eclesial, além de fazer observar a pluralidade dos valores teológicos e cristológicos inerentes à Vida Consagrada, indica concretamente a razão dos muitos modos pelos quais os seus membros são associados à missão própria do Povo de Deus “por um novo e peculiar título”.¹⁹ o estado religioso “ora melhor manifesta já aqui neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, ora prenuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste....; (além disso) patenteia de modo peculiar

¹⁹ ib. 44

a transcendência do Reino de Deus e seus altos destinos sobre tudo o que é terreno. Demonstra, ao mesmo tempo, a todos os homens a supereminente grandeza da força de Cristo-Rei e o infinito poder do Espírito Santo que opera admiravelmente na Igreja”.²⁰

²⁰ ib. 44

A ótica da peculiar significatividade da Vida Consagrada ajuda também a interpretar aqueles “mais” (“mais de perto”, “mais intimamente”, “de maneira mais sólida e segura”, etc.) com que os textos conciliares se referem a ela. Mais que na ordem da dignidade e da santidade, esses “mais” destacam-lhe o ser sinal especial na Igreja, ou seja a “dimensão sacramental” pela qual a Vida Consagrada manifesta ao mundo a multiforme riqueza e utilidade dos valores cristãos.

De modo particular proclama abertamente a índole escatológica do Povo de Deus. Os consagrados, com sua doação total pela prática dos conselhos evangélicos, tornam-se um sinal visível da força da ressurreição, esforçam-se por ser capazes de discernir a ação de Cristo ressuscitado na história e testemunham os empenhos e a alegria da esperança na preparação da volta do Senhor aguardando “novos céus e nova terra”.²¹

²¹ Ap 21,1

Portanto, também do ponto de vista da significatividade afirma-se, de modo particularmente concreto e atraente, a eclesialidade viva e benéfica da Vida Consagrada.

— “*Escolha de campo*”. A consagração apostólica implica, da parte do Espírito do Senhor, a indicação de destinatários preferenciais na missão evangelizadora. Assim, por exemplo, para os que são enviados à juventude, significa interpretar a própria missão como intrinsecamente vinculada à

idade evolutiva do homem; ou seja, sentir-se chamados a encarnar com competência as próprias atividades no campo da educação. A escolha de campo — que neste caso é “escolha educativa” torna-se, de fato, o primeiro passo para a inculturação do Evangelho; um passo onde é preciso saber tornar inseparáveis entre si fé e vida, Evangelho e cultura.

Para nós este aspecto foi exposto extensamente no CG23. Comentamo-lo também numa circular especial sobre a “nova educação”. Afirmávamos, então, que “o evangelizador-educador” deve cultivar os dotes próprios de um “artista” de Deus para ser capaz de unificar os diferentes aspectos que se devem integrar no crescimento orgânico do educando. Nesta hora de grandes transformações, às exigências da nova evangelização acrescentam-se também as de uma “nova educação”.²² Deste ponto de vista, não são poucas as novidades humanas por conhecer e aprofundar. Vê-se, assim, que o considerar o homem como caminho para a missão da Igreja acarreta muitas conseqüências concretas no que concerne ao processo de inculturação. Hoje podemos afirmar que o mote “evangelizar educando e educar evangelizando” exprime a exigência de uma metodologia que deve ser devidamente valorizada, em toda a obra exigida por uma nova evangelização: impregnar de Evangelho a cultura como veículo de salvação. A mensagem evangélica não deve, porém, diluir-se na cultura, mas continuar a ser sempre seu horizonte e estímulo imprescindível de progresso.

E há mais. Vemos que a escolha educativa se inscreve no campo mais amplo da “promoção humana” que, por outra parte, esteve sempre ligado ao exercício concreto da caridade cristã. Desse ponto de vista, a escolha de campo faz perceber

²² cf. ACG 337

hoje, com particular preocupação, algumas prioridades que lhe caracterizam a atualidade: a opção preferencial pelos pobres, a solidariedade segundo a doutrina social da Igreja, o discernimento ético na formação da consciência, a realidade do pecado, a necessidade e urgência de proclamar os eventos da Páscoa de Cristo.

Ensina-nos a nossa experiência que a escolha de campo se torna uma espécie de cadinho no qual se fundem e se tornam factíveis os anteriores aspectos de eclesialidade. E aparece como uma expressão concreta e indispensável para o exercício da maternidade da Igreja em favor do amadurecimento cristão do homem.

As reflexões que fizemos — sem pretensão de serem exaustivas — sobre os aspectos até aqui considerados e de per si já conhecidos (“carisma”, “consagração”, “profissão”, “sacramentalidade” e “escolha de campo”) consideramo-las como fruto benéfico da nossa experiência pós-conciliar. Com elas entramos na órbita pentecostal do Concílio. Podem oferecer luzes válidas também para todo o processo de renovação da Vida Consagrada. Pois o que se busca é identificar, com a presença e o poder do Espírito, o insondável mistério de Cristo no tempo; tornar vivo e contemporâneo o carisma dos Fundadores e das Fundadoras; atingir o limiar do terceiro milênio com as energias vivas da ressurreição.

Grandes metas abertas

O Sínodo por certo voltará sua atenção também para os muitos e graves problemas que permaneceram abertos no processo de renovação.

É preciso dizer que em toda a vida cristã, e, pois, também na consagrada, a incompletude é inerente à nossa mesma condição de “viatores”. A consciência desta nossa condição não deveria gerar desânimo, mas, antes, ajudar-nos a ver com clareza as metas por atingir com gradualidade, com sacrifício apoiado pela esperança. Por isso, ao olhar para a diferença que ainda hoje existe entre o ideal descrito nos documentos de renovação e a vivência de cada dia, mister é que saibamos individuar os pontos mais significativos e estratégicos para visá-los com fidelidade lúcida e constante. São metas por atingir, para as quais, porém, já nos vemos encaminhados; têm necessidade de contínuo aprofundamento, de revisão e de refazer o projeto.

Na preparação dos “Lineamenta” foram enumerados vários “problemas” que permaneceram abertos; preferimos aqui falar para nós de “metas” não atingidas. Apontamos algumas das mais importantes, não para recriminar desvios ou faltas (que infelizmente existem), mas para motivar nosso empenho na preparação para o Sínodo, como vos dizia anteriormente.

Referimo-nos mais diretamente à nossa situação salesiana, para traduzir nossa eventual contribuição nos trabalhos sinodais não somente na apresentação de reflexões, mas também e sobretudo em testemunhos vividos. Prosseguindo com confiança e constância no caminho encetado, entendemos empenhar-nos desde agora numa renovação mais autêntica, à vista de algumas diretrizes que nos parecem mais urgentes. A reflexão sobre elas nos serve de exame de consciência.

— *“Vida no Espírito”*. A renovação da Vida Consagrada está radicalmente ligada a uma “vida

no Espírito” vivida intensamente, porque é o Espírito que anima e faz crescer a vocação. Em nossa experiência pós-conciliar, os supraditos elementos eclesiais têm alimentado uma adequada pedagogia formativa (para as etapas iniciais e para a formação permanente) e decerto contribuído para melhorar nossa vida pessoal e comunitária. Trata-se, porém, de um caminho nunca acabado, muito exigente, lamentavelmente dificultado pelo clima secularizado do ambiente em que vivemos.

A nossa “vida no Espírito” é de tipo ativo, fruto daquela consagração apostólica que constitui a fonte de toda a nossa santificação. Tem como dinamismo central a “caridade pastoral”, portadora da “graça de unidade” que torna possível a síntese vital entre contemplação e ação.

O espírito salesiano foi vivido de maneira eminente por não poucos irmãos na breve história da Congregação. Nossa Família já pode admirar entre seus membros 3 santos, 5 beatos, 7 veneráveis, mais de 12 servos de Deus (sem contar os numerosos mártires espanhóis). Eles nos garantem que o nosso propósito de santificação é animado por aquele “novo e permanente ardor” que constitui a condição primeira de toda evangelização.

Lembra-nos, além disso, com a clareza do testemunho, que, entre os jovens, não somos simplesmente “educadores”, mas “consagrados”, ou seja, homens de Deus, enviados para educar. Um trabalho, pois, destinado a ser expressão típica de forte pertença àquele que nos envia: aí está a alma do Sistema Preventivo. As conseqüências deste fato são muitas e bem decisivas, assim para a vida pessoal como para a comunitária.

O Papa nos convidou a evitar os perigos do “intimismo” e do “ativismo”. Empenhamo-nos em

cuidar do nosso tipo de oração²³ e a impregnar a ação apostólica juvenil de espírito salesiano.²⁴ Nesse esforço há que crescer sempre, bem conscientes do fato que alguns caminham assaz lentamente.

Devemos considerar a vida no Espírito como a primeira meta sempre aberta. Em tal sentido aguardamos do Sínodo-94 luzes e estímulo que dêem suficiente espaço também à peculiar originalidade da Vida Consagrada ativa, talvez um tanto esquecida ou insuficientemente aprofundada até agora nas orientações oficiais. Por isso, propusemos saber imitar ainda mais o Fundador e conhecer melhor a doutrina espiritual de S. Francisco de Sales, para oferecer um testemunho apostólico característico mediante nossa participação específica na vida e santidade da Igreja.

João Paulo II, no discurso que nos fez na sua inesquecível visita ao Capítulo 23º, nô-lo recordou com incisividade: “Apraz-me salientar em primeiro lugar, como elemento fundamental, a força de síntese unitiva que brota da caridade pastoral. Ela é fruto da força do Espírito Santo, que assegura a inseparabilidade vital entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes. Os dois grande Santos, Francisco de Sales e João Bosco, testemunharam e fizeram frutificar na Igreja esta esplêndida “graça de unidade”. As riquezas secretas que ela traz consigo são a confirmação explícita, comprovada por toda a vida dos dois Santos, de que a união com Deus é a verdadeira fonte do amor operoso ao próximo”.²⁵

Somos gratos ao Santo Padre também pela exortação apostólica “Pastores Dabo Vobis”, na qual — já vos dizia no início — nos é apresentada a caridade pastoral precisamente com estas carac-

²³ cf. ACG 338

²⁴ cf. CG 20 e ACG 334

²⁵ CG23 332

terísticas de potencialidade unitiva. A graça de unidade fruto da caridade pastoral na vida salesiana está contida naquele “ardor pelas almas” com o qual o P. Rinaldi comentava o espírito de Dom Bosco.²⁶

²⁶ cf. ACG 332

Há, todavia, um aspecto espiritual que apresenta entre nós deficiências: é o do *empenho ascético*. Não há verdadeira vida no Espírito sem concreta ascese. Certamente a ascese deve estar em harmonia com a índole própria do nosso carisma,²⁷ mas é necessária sempre, quotidianamente, e em abundância. É este, talvez, o ponto mais fraco da nossa retomada espiritual. Entretanto toda forma de Vida Consagrada foi, em todos os tempos, um exercício de ascese. Lembramos ainda uma vez a afirmação de S. Inácio de Loiola: “mais mortificação do amor próprio que da carne; e mais mortificação das paixões que oração: a um homem que mantém mortificadas as paixões, deve bastar um quarto de hora para encontrar a Deus”.²⁸

²⁷ cf. ACG 326

²⁸ cf. ACG 338

O “da mihi animas” está sempre acompanhado do mistério da cruz (“cetera tolle”), que lhe torna fecunda a ação.

— “*Sentido vivo da comunhão eclesial*”. Outra meta aberta, que encontra — mais de uma vez — particulares dificuldades é a da nossa presença concreta nas Igrejas locais.

O Sínodo-85, a vinte anos do evento conciliar, recordou-nos que “a eclesiologia de comunhão é a idéia central e fundamental nos documentos do Concílio”. Será preciso que a nossa Vida Consagrada manifeste melhor a incorporação das presenças salesianas dentro da comunhão orgânica da Igreja, caracterizada simultaneamente pela diversidade e pela complementaridade das vocações.

O mistério da comunhão deverá iluminar, para nós, tanto a doutrina sobre a Igreja universal como sobre a Igreja particular. Refletimos sobre quanto alguns anos faz (1978) o Santo Padre recomendou aos Superiores Gerais: "Vós sois com a vossa vocação para a Igreja universal, mediante a vossa missão em determinada Igreja local. Portanto, a vossa vocação para a Igreja universal se realiza dentro das estruturas da Igreja local. É preciso fazer de tudo para que a Vida Consagrada se desenvolva em cada uma das Igrejas locais, para que contribua para a edificação espiritual de todas elas, para que constitua sua particular força. A unidade com a Igreja universal, mediante a Igreja local: eis aí o vosso caminho!"²⁹

Um problema concreto, a respeito, são as relações com os responsáveis locais da pastoral. O documento "Mutuae Relationes" havia auspiciado com esperança uma comunhão mais ágil e fraterna; o que em várias situações nem sempre se verificou. Fazemos votos por que seja este um ponto tratado com especial atenção no Sínodo-94.

É importante que todos os Pastores tenham um conhecimento do dom da Vida Consagrada mais em sintonia com a eclesiologia do Concílio e saibam apreciar, cultivar e coordenar suas riquezas. Já havia dito claramente o "Mutuae Relationes": "Alma do corpo eclesial é o Espírito Santo: nenhum membro do Povo de Deus, qualquer que seja o ministério em que esteja empenhado, concentra em si pessoalmente, na sua totalidade, dons, encargos e funções, mas deve entrar em comunhão com os outros. As diferenças no Povo de Deus, tanto de dons como de funções, convergem entre si e completam-se mutuamente para a "única comunhão e missão".³⁰

²⁹ Osservatore Romano, 27 novembro de 1978

³⁰ *Mutuae Relationes* 9b

De nossa parte, somos chamados a colaborar com mais maleabilidade e compreensão, travando um diálogo fraterno que não se interrompa diante das dificuldades e que procure constantemente superar os entraves. Neste âmbito, além de uma formação doutrinal mais completa e específica, é preciso prestar atenção às pessoas concretas com suas mentalidades e temperamentos; por isso, o diálogo terá necessidade de inteligente pedagogia, de fraterna convivência, de bondade salesiana e santa paciência.

As nossas presenças (oratórios, centros juvenis, escolas, paróquias, etc.) são de tipo pastoral (a nossa é uma “missão

juvenil e popular”) a serviço de um território; devem ter uma característica peculiar (pelo menos estamos-nos esforçando por tê-la) que se deve incorporar e harmonizar com os projetos das Igrejas locais a fim de enriquecer-lhe as possibilidades de serviço. Ensina a experiência que, se concorrermos para estabelecer as condições requeridas, será possível realizá-lo de maneira bastante harmônica.

Dever-se-á, evidentemente, melhorar, de nossa parte, a fidelidade ao magistério e às orientações pastorais do Sucessor de Pedro,³¹ o conhecimento e a adesão ao ministério próprio do Episcopado, ao papel dos vários organismos pastorais (de modo particular ao dos conselhos presbiteral e pastoral), à colaboração com o laicato. Não há duvidar que toda iniciativa pastoral tem hoje urgente necessidade de maior comunhão eclesial, e, para nós, de comunhão construída com a bondade.

— “*Significatividade*”. É este um aspecto ligado ao conceito de “sinal” próprio da Vida Consagrada, considerada em geral como participação na natu-

³¹ cf. ACG 315

reza sacramental da Igreja. Todo carisma, porém, nela participa com uma modalidade própria. Essa modalidade deverá tornar-se projeto concreto nas presenças e nas obras. Elas deveriam manifestar claramente no território o próprio carisma.

Ora, num momento de grande transformação cultural, de renovação pastoral na Igreja, de envolvimento dos fiéis leigos, de desafios inéditos e de novas pobreza, e ao mesmo tempo de diminuição de pessoal em muitas regiões, torna-se indispensável e vital reconsiderar a significatividade das presenças, tomando na devida consideração os aspectos fundamentais da própria renovação pós-conciliar. Disso falou nos ACG o Vigário Geral, P. Juan E. Vecchi, referindo-se à “pessoa do salesiano”, à “comunidade”, à “qualidade pastoral”, à “capacidade de agregar outras forças”, ao “impacto sobre o território”.³²

³² cf. ACG 340

É uma meta aberta e urgente. Procurou-se atingi-la por vezes com soluções parciais, mas sem êxito verdadeiramente positivo. Não basta apenas o redimensionamento das obras, ou certas formas de inserção entre os pobres, ou a invenção de outros tipos de vida comunitária, ou, menos ainda, a renúncia às obras próprias. Não é simplesmente um problema de estruturas, de fantasia individualista, de critérios tirados de posições algumas vezes um tanto ideológicas, mas de pôr por obra o projeto evangélico do Fundador.

As presenças apostólicas serão verdadeiramente significativas caso respondam, entre outras coisas, a duas exigências: a primeira é a de manifestar o todo da própria renovação carismática, e não somente algum aspecto parcial; a segunda, a capacidade de responder às exigências mais urgentes dos destinatários nos territórios e nas culturas onde estivermos colocados.

Isso, decerto, exigirá que se verifique também a quantidade das forças. Tentação perigosa para a significatividade é querer prover todas as necessidades. O que importa é dar “sinais” de resposta aos desafios com a autenticidade do próprio carisma; vivê-lo aqui e agora com novidade de formas (e, se necessário, também com redução de presenças), mas com genuína fidelidade ao projeto comum.

A significatividade para nós deverá estar sempre unida à “opção educativa”, porque a esse campo é que fomos enviados a trabalhar. Ali é que nos empenhamos com a nossa profissão, e ali é que se desenvolve nossa dimensão profética.

— “*Missionariedade*”. A situação sociocultural atual abriu muitos areópagos novos para a missão da Igreja.³³ Há que assumir agora, um pouco por toda a parte, um critério missionário. Mais: se a renovação nos pede uma adequada “refundação do Oratório”³⁴ da forma com que o realizou o Fundador e o propuseram as Constituições,³⁵ torna-se uma urgente meta a de converter-nos — como nos disse o Papa — em verdadeiros “missionários dos jovens”, não só — como é evidente — para os enviados “ad gentes”, mas em todas as presenças. Tal atitude implica iniciativas especiais de convivência e de diálogo para a evangelização, bem como capacidade de adaptação e criatividade apostólica, fundadas sobre os critérios permanentes do Sistema Preventivo e aplicadas oportunamente aos diversos tipos de presenças.

Será preciso cultivar o espírito de iniciativa, que não se contenta com caminhar, como se diz, “na defensiva”, mas que estuda “o ataque”, ou seja o momento oportuno para orientar a vida e propor o Evangelho. Devemos pensar nos primeiros gran-

³³ cf. encíclica *Redemptoris Missio*, sobretudo n. 37b,c; 69 e 70; e ACG 336.

³⁴ CG23 345

³⁵ art. 40

des missionários — os Apóstolos — que jamais desistiram da missão que por toda a parte traziam dentro de si. Quero dizer que o ser chamados “missionários dos jovens” não é simplesmente um nome bonito e, digamos também, atual, mas um compromisso de conversão tendo em vista um novo modo de presença evangelizadora.

O CG23 nos descreveu amplamente suas modalidades; a dificuldade está justamente em saber levá-las a efeito. Deparamo-nos com uma meta aberta, para cuja conquista, porém, vimos concentrando há anos os melhores esforços.

— *“Inculturação”*. Há, por fim, a meta da inculturação, não somente nas missões propriamente ditas, mas em toda a parte. Vivemos, com efeito, — como já se disse — uma hora de transformação cultural que, pela explosão dos sinais dos tempos, provoca o crescimento de uma cultura planetária que ao depois dinamiza necessariamente as várias culturas locais. Muito embora não seja a cultura em si mesma um absoluto, ela condiciona a vida de cada um: a linguagem, a maneira de viver, os tipos de apreciação dos valores, um sistema de pensamento e de juízo, realidades todas que constituem o ar que toda pessoa respira. Ora, a Palavra de Deus foi proferida para ser “contemporânea” a cada geração humana em qualquer região da terra. Por isso, necessário se faz sabê-la revestir de contemporaneidade local.

Para tanto, é imprescindível uma reta inculturação, que exige, por um lado e em primeiro lugar, clareza e integridade do que se deve inculturar: e, por outro, competência na linguagem, discernimento das modalidades de vida, consciência das mudanças quanto à apreciação dos valores,

conhecimento e capacidade de avaliar os sistemas de pensamento e de juízo.

Não é tarefa fácil, nem de prazo marcado, porque nos encontramos apenas nos albores de nova época histórica. É tarefa para realizar eclesialmente.

A aceleração de tantos dinamismos pode levar mais de um ao relativismo e também ao desânimo. O fato, porém, de poder contar com uma verdade salvífica respeitante ao homem e sua história, revelada pelo próprio Deus, abre-nos o caminho da inculturação como opção indispensável para tornar realidade a nossa vocação.

De modo especial no que concerne à nossa consagração, a inculturação permite uma santa multiformidade de modalidades de vida, se radicada com clareza e totalidade de conteúdo na única vocação comum, segundo o projeto evangélico descrito na Regra de vida. A obra gradual de inculturação exige uma Vida Consagrada autêntica e fiel à índole própria do carisma do Fundador, e uma atenta capacidade crítica ao discernir os valores culturais que se devem assumir e integrar.

Eis aí uma grande meta, sempre aberta. Ela interessa hoje toda a Igreja e exige uma contínua capacidade de análise das relações entre unidade e multiformidade, respeitando sempre o primado da Palavra de Deus e do carisma do Fundador sobre o devenir dos valores culturais.

Para que o Evangelho ou um carisma sejam inculturados é absolutamente necessário que conservem sua identidade específica. Destarte vê-se logo que o trabalho por realizar é complexo: precisa atenção, sensibilidade e estudo tanto no que respeita às novidades quanto no que tange à tradição. Os “protagonistas”, com efeito, correm o risco de

subverter as origens, ao passo que os “tradicionalistas” correm o risco de desconhecer a contemporaneidade e de não compreender as propostas que nos faz o Senhor mediante os sinais dos tempos. Ambos não sabem discernir a natureza própria dos dons de Deus com sua transcendência original — ordenada por si mesma a encarnar-se —, e a modalidade histórica, de fato transitória, dos esquemas culturais, não obstante tenham sido — ontem — o invólucro precioso dos dons de Deus.

O justo discernimento dos passos que se devem dar em campo tão delicado, não é uma questão que se deva deixar à arbitrariedade de cada um, mas deve ser assumida como sua pela comunidade nos vários níveis, sob a guia dos responsáveis designados.

Exigências da Nova Evangelização

Hoje a Igreja dedica especial atenção à nova evangelização e augura que a Vida Consagrada concorra com generoso entusiasmo.

Indagamos, por isso, quais as principais exigências que advêm dessa tarefa. A resposta seria longa. Aqui basta indicar duas linhas complementares: uma diz respeito ao *sujeito* chamado a evangelizar; a outra ao *peculiar conteúdo cultural* que será tomado em consideração.

— No que tange ao *sujeito* pode-se lembrar a expressão programática de João Paulo II acerca da evangelização: “nova no ardor, nova nos métodos, nova nas expressões”.

A renovação da Vida Consagrada deve defrontar-se corajosamente com as exigências da nova evangelização, que requerem de cada um e das

comunidades uma espécie de conversão. Deve existir um “novo ardor” no testemunho do próprio carisma, com uma vida no Espírito que renove a profunda comunhão com o mistério de Cristo; uma “novidade de método” na iniciativa apostólica, que expresse o fervor carismático da índole própria; e uma “novidade de expressões” (com espírito de iniciativa) ao traduzir o novo método nas atividades e nas obras, em sincera comunhão eclesial. A nova evangelização exige, pois, a plenitude de testemunho da caridade pastoral do próprio carisma para irradiar com a vida a luz e o calor do Evangelho.

O nosso CG23 nos estimulou justamente a isto:³⁶ insistindo de maneira especial numa comunidade que seja deveras “sinal de fé”, isto é, formada por membros que sejam “homens espirituais”; que seja também “escola de fé”, ou seja, verdadeiramente “missionária” entre os jovens, fazendo da evangelização sua razão de ser e agir; e, enfim, que se torne “centro de comunhão e participação”, capaz de juntar e animar outros colaboradores, em sintonia com os projetos das Igrejas locais.

— Quanto ao *conteúdo cultural*, é importante prestar atenção aos valores que amadureceram na cultura emergente, anunciando verdadeiras novidades. Verdade é que precisa sabê-los discernir na sua inata ambivalência, mas eles trazem consigo muitas novidades por batizar e nas quais saber encarnar o Evangelho de Cristo e o próprio carisma. Basta pensar na emergência da ordem temporal e na justa avaliação dos valores da laicidade; nos progressos feitos quanto ao conceito da convivência de cidadãos e nas novas fronteiras abertas à dimensão social da fé; na promoção das relações de

³⁶ cf. CG23 4, 90-91 e 215-220

reciprocidade entre homens e mulheres e em quanto de aí deriva para a renovação da sociedade e da Igreja, nos delicados desafios da vida, da justiça, da paz, da solidariedade, da ecologia, com muitos quesitos por resolver do ponto de vista ético.

A nós nos interessa de modo especial o campo dos jovens (aberto à iniciativa de bom número de grupos de Vida Consagrada): aqui é que somos chamados a gastar as melhores energias para reatar o diálogo com os jovens e educá-los na fé. A opção educativa traça um caminho não muito simples, que cumpre trilhar com olhos voltados para a nova evangelização.

Esperamos do Sínodo uma presença renovada do mistério de Cristo no mundo

Que podemos esperar do Sínodo-94? Muitos frutos por certo. Não é o caso de imaginar uma lista.

A assembléia sinodal tratará o tema da Vida Consagrada encarando globalmente sua natureza e missão na Igreja. Os sucessores dos Apóstolos, chamados a cuidar da renovação de todo o Povo de Deus, estarão preocupados com traduzir em formas pastorais renovadas os grandes princípios e orientações conciliares.

Virão do Sínodo, sem dúvida, orientações renovadoras: do primado da “vida no Espírito” à consideração das relações de comunhão seja com os Pastores (um relançamento do “Mutuae Relationes”), seja com os fiéis leigos, a uma visão comum da doutrina da Igreja local, à apreciação da multiformidade carismática no processo de reno-

vação, a alguns problemas concretos respeitantes de modo especial à “vida religiosa”, etc.

Poderíamos dizer, entretanto, que aguardamos, como fruto global, não tanto a solução de problemas específicos deste ou daquele grupo, quanto um forte relançamento da “Vida Consagrada” nos seus aspectos essenciais e vitais. Ela, com efeito, pela fecunda ação do Espírito Santo nos Fundadores e nas Fundadoras ao longo dos séculos, é chamada a manifestar a riqueza do mistério de Cristo, fazendo resplandecer na Igreja — seu “Corpo” na história — a multiforme graça de Cristo-Cabeça.

A Vida Consagrada evoca e conserva também uma comunhão especial com a Igreja celeste mediante tantos eminentes homens e mulheres, santos, que testemunharam e embelezaram a Igreja com suas experiências: “como numa árvore frondosa e admiravelmente variegada na seara do Senhor, floresceram as diversas modalidades de vida solitária ou comum, como também as várias famílias, as quais vão aumentando, tanto para o proveito dos próprios membros, quanto para o bem de todo o corpo de Cristo”.³⁷ Essa fecundidade carismática amadurecida na história permanece viva e influente, com vínculos de comunhão de graça, na Jerusalém do céu.

Os discípulos são chamados a manifestar hoje o mistério de Cristo tornando presentes vitalmente os Fundadores e as Fundadoras, cuja vida renovada aparecerá como uma exegese espiritual ou um grande comentário existencial do inexaurível patrimônio do Evangelho. Os consagrados de hoje, em vez de entregar-se a demitizações das próprias origens, saibam mostrar viva essa inefável comunhão dos santos. Este é o modo mais autêntico de

³⁷ *Lumen Gentium* 43

Fundadores e Fundadoras se sentirem também convocados pelo céu a colaborar na nova evangelização.

Conclusão

Maria, Modelo e Auxílio da Vida Consagrada

Da cidade dos Santos, a Virgem Maria, Modelo e Ajuda da Vida Consagrada será a primeira a intervir, a guiar o Sínodo e a torná-lo fecundo. Ela sempre acompanhou maternalmente a obra do Espírito Santo distribuidor dos carismas. Testemunham-no os Fundadores e as Fundadoras bem como a dimensão mariana dos seus Institutos. Maria é Ajuda da Igreja nos tempos difíceis, é Estrela da nova evangelização, é Guia dos Pastores.

Cheia de graça desde o primeiro instante da sua concepção, Ela viveu toda a sua vida como uma experiência de Espírito Santo. Depois de Jesus, Ela é certamente o modelo mais elevado de Vida Consagrada: de doação total a Deus, da missão materna em relação a Cristo, de intenso itinerário de fé, do exemplo incomparável de primeira discípula na seqüela do Senhor, do ser sinal e portadora das riquezas do seu mistério a todos os homens, de amor inefável à Igreja da qual, com sua própria existência, é profecia e mãe.

Maria nos convida a rezar pelo Sínodo e a prepará-lo, no que nos diz respeito, com viva atenção e esperança. É um evento que levará a Vida Consagrada a assumir — com sua intervenção materna — um papel singularmente incisivo nos tempos novos.

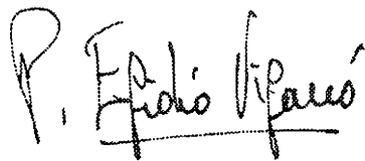
Um aspecto da nossa preparação será o de aprofundar a vocação salesiana na óptica sinodal de

um carisma vivo para a Igreja de hoje, como procuramos sugerir nestas reflexões. Maria nos fará perceber mais eclesialmente o significado e a importância de Dom Bosco, e viver com renovado empenho o seu projeto evangélico segundo as exigências da nova evangelização. Ajudou-nos a caminhar nos grandes Capítulos pós-conciliares, está a guiar-nos na atuação do CG23, e — com o novo Sínodo — nos estimulará de maneira cada vez mais insistente rumo àquelas metas sempre abertas que nos ajudarão a ser autênticos e mais críveis “missionários dos jovens”, isto é, protagonistas — com eles — de uma nova era de presença da fé na sociedade.

Ajude-nos Dom Bosco!

Cordiais saudações, com o compromisso de todos nós em tender às metas apontadas, a fim de tornar sempre mais eficaz na Igreja o patrimônio de Vida Consagrada herdado do Fundador.

Com afeto no Senhor,



P. Ezequiel Viana

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 AS GRANDES CONCENTRAÇÕES JUVENIS: EXPRESSION DO MOVIMENTO JUVENIL SALESIANO

P. Luc VAN LOOY

Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Os jovens que se reuniram no “Confronto ’92” de 9 a 15 de agosto deram uma vez mais testemunho da vitalidade do Movimento Juvenil Salesiano na Europa. Reuniram-se 1.300 jovens provenientes de 17 países da Europa para refletir por toda uma semana sobre o tema: *“Solidariedade, caminho de educação na fé para uma nova Europa”*. Foi sem dúvida uma manifestação de fé, responsabilidade, amor a Dom Bosco e a Madre Mazzarello. Além disso os jovens viveram concretamente a realidade europeia.

A ocasião do Confronto oferece-nos uma deixa para refletir sobre o fenómeno das grandes concentrações juvenis.

1. Encontro de jovens

As fronteiras das nações ou as barreiras culturais e raciais não valem para os jovens: existe neles uma vontade concreta de se encontrar e de ouvir. Querem respirar um ar mais livre e viver num espaço mais aberto. O sentido da mundialidade, a multiculturalidade e a multireligiosidade condu-los ao encontro com pessoas de todo o mundo com um desejo de partilhar, intercambiar, aprender e dar. Nesses encontros os jovens são de modo particular sensíveis aos elementos que impedem ou limitam as pessoas e os povos de se expressar livremente e de tender para a realização da dignidade

humana. Por isso a atenção se concentra logo na parte da humanidade que sofre por causa da guerra, da fome ou da injustiça.

— *Os jovens* procuram realizar tais encontros com grande abertura ao diálogo, dando amplo espaço à escuta e à partilha de experiências, pondo em relevo e buscando compreender as diferenças. O encontro não se limita a um nível amigável ou de interesse superficial, mas vai mais além, até atingir o encontro no Espírito, encontrando Deus junto. É claríssimo o desejo de se encontrar com Deus no silêncio, na procura de espiritualidade, na expressão do sagrado através de sinais, símbolos, no diálogo espiritual, etc.

— *O aspecto espiritual* do encontro de jovens é o que constitui a ligação interior, que dá força de continuidade e coesão ao conjunto. O Movimento Juvenil Salesiano alicerça-se na espiritualidade que une e se torna ponto de referência. No centro da espiritualidade os jovens querem encontrar pessoas que transmitem entusiasmo; eles se referem a Cristo, a Dom Bosco e à pessoa-guia do grupo e do movimento.

— *Os encontros de massa* têm a característica de serem dirigidos na prática pelos próprios jovens com a assistência dos adultos. O protagonismo juvenil é garantido por uma grande disponibilidade para qualquer trabalho, com um sentido de responsabilidade e uma dedicação incansável. O olho vigilante do adulto dá confiança especialmente no que diz respeito à coordenação do conjunto. Uma rede de jovens co-responsáveis garante a participação ativa de muitos coetâneos.

2. A preparação

Quanto maior o grupo de jovens que se reúnem, tanto mais necessária é uma longa e pormenorizada preparação, envolvendo nela muitas pessoas. É importante sublinhar que quem participa de um encontro numeroso vem representando uma região, uma

Inspetoria ou uma obra local, e que, por conseguinte, todos os jovens de todos os ambientes devem ser sensibilizados a respeito. O segredo do sucesso de uma grande convocação juvenil está exatamente na sensibilização e reflexão feitas em nível de base, de modo que permita aos jovens reunidos falar “em nome dos amigos de casa”.

— *O tema desenvolvido* é da máxima importância, escolhido pelos jovens, preparado no seu conteúdo e apresentado de maneira adequada, indicando o caminho e o horário para a reflexão nos grupos locais. Em círculos concêntricos (grupo local, inspetoria, nação) vai-se desenvolvendo um processo de estudo do tema até atingir o momento do encontro programado. É importante que seja um tema que envolva os jovens concretamente, que reflita a concretude da vida quotidiana. A experiência do Confronto '92, com o tema da solidariedade foi feliz nesse sentido. O tema não se esgota com o momento culminante do encontro, mas volta ao ambiente local para promover um movimento de aplicação entre os jovens dos grupos.

— *O grupo em nível local* é o sujeito de partida do movimento que se quer criar com as grandes concentrações. Os jovens estudam o tema e se preparam para tratá-lo — por intermédio do seu representante — com grupos provenientes de outros lugares, para depois voltar ao próprio grupo enriquecidos pelas experiências dos outros. Nasce aí o movimento juvenil, fundado sobre o intercâmbio no grupo e ligado a outros grupos da mesma inspiração de fundo. A especificação “salesiana” do movimento juvenil nasce exatamente dessa inspiração comum na figura e no carisma de Dom Bosco.

— *A organização* do encontro se elabora em função do tema e do número de jovens que se reúnem. Nisto entra o papel dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, mais os jovens. Por trás dos bastidores trabalha-se cuidando de todos os detalhes do programa e da logística, para que nada escape à atenção. Os grupos que se preparam no próprio ambiente se juntam à secretaria a fim de poder acompanhar as etapas preparatórias da organização e

comunicar os passos que estão dando na reflexão sobre o tema. Segue-se daí um crescimento gradual que culminará no momento do encontro com todos.

3. O encontro de massa

— *O lugar* da concentração é importante enquanto revela um sentido de base espiritual comum ou de referência ao movimento juvenil. No Confronto '92 foi significativo o fato de o encontro realizar-se nos Becchi, na “Colina das Bem-aventuranças”, e em Mornese. Todos estes jovens, no fundo, estão à procura de Cristo, a exemplo e com a guia de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, e querem individuá-lo. Como no Oratório de Valdocco os meninos iam ao encontro de Dom Bosco, também os jovens das grandes concentrações querem encontrar Dom Bosco nesses dias.

Para tanto se exigem duas coisas:

- haja pessoas que reflitam Dom Bosco e Maria Mazzarello,
- e se crie um clima que espelhe com clareza o ambiente salesiano.

— *O protagonismo juvenil* dá ao encontro um tom de responsabilidade e exprime a espiritualidade juvenil mediante as intervenções nos grupos de trabalho, nas assembléias e nas liturgias. A expressão juvenil nos leva da festa à reflexão séria, da criatividade de expressão à escuta paciente da experiência alheia.

Os jovens não assumem a direção só no nível ativo-organizativo, mas propõem caminhos profundos de reflexão e de oração. O silêncio e a oração pessoal ou comunitária são sentidos como busca de interiorização; da reflexão que estão a fazer sobre o tema, que os leva a encontrar o modo de aplicar na própria vida quanto estão a estudar. O estudo leva, pois, à partilha com outros, e, pela oração-contato com Deus, à aplicação na vida.

— *Os animadores* de uma reunião tão grande têm a máxima importância. Como em cada coisa organizada, é decisiva a coesão

entre participantes e dirigentes, com a clara indicação das funções de cada um.

Os jovens animadores, provindos das várias regiões representadas no encontro, deverão estar juntos para se amalgamarem e poderem possuir bem o conteúdo e a metodologia de trabalho. Não basta que estejam “informados” sobre o que fazer; devem ser “formados” juntos para fazer bem o que é exigido: isto pressupõe uma preparação tanto material e de estudo quanto espiritual. Animadores jovens e coordenadores adultos encontrarão neste período de formação o modo de entrar em plena sintonia para poder dirigir em todos os níveis tanto as pessoas que se juntam quanto os conteúdos, como também para acertar a gestão organizativa.

A tarefa desse grupo compacto de animadores e coordenadores não deveria terminar com o encerramento do encontro, mas deveria constituir um núcleo central, capaz de formar um conselho regional ou continental para o Movimento Juvenil Salesiano.

— *Alegria, empenho sério e responsabilidade* poderiam ser as palavras que resumem o clima que se cria com os jovens do encontro. A alegria se expressa no estar juntos entre amigos animados pelos mesmos ideais e pela mesma expectativa, com sonhos semelhantes, e também na festa exuberante da massa, com apresentações musicais, artísticas e folclóricas em que se expressam as diversas culturas à maneira própria dos jovens. A dedicação à própria função e a disponibilidade para empenhos razoáveis faz com que cresça em todos um grande sentido de responsabilidade comum.

4. O depois

Um encontro desse gênero não pode ficar no “ocasional”. Ao contrário, é ao mesmo tempo cume de um caminho feito conjuntamente nos grupos locais e ponto de partida para um movimento maior. Funciona como momento capaz de alimentar o fogo já existente nos grupos e movimentos locais ou inspetoriais, e como fermento animador do futuro.

— *Em nível organizativo* é importante uma avaliação em profundidade de todos os aspectos do encontro, abrindo perspectivas de um próximo encontro.

— *Em nível inspetorial ou local* os jovens que representaram os grupos locais procurarão continuar a reflexão e levá-la à execução concreta no próprio ambiente. É importante que o “grupo” que representou a Inspetoria no encontro se reconheça e seja reconhecido na Inspetoria como promotor, juntamente com outros, do Movimento Juvenil Salesiano. Procurem-se maneiras para empenhá-lo na difusão da espiritualidade juvenil e do movimento juvenil salesiano. Por exemplo, um grupo representativo de duas Inspetorias (FMA+SDB) de um país europeu no Confronto’92 se propõe animar um dia mariano para toda a Família Salesiana em 1993, para dar testemunho de fé e empenhar-se na consolidação do grande movimento salesiano.

— *Voltando aos grupos*, é preciso empenhar-se em comunicar a riqueza do encontro e cuidar da sensibilização dos membros, com particular atenção a quem pode desenvolver maior capacidade de animação e responsabilidade. O segredo do bom funcionamento do Movimento Juvenil Salesiano na Inspetoria e em nível local é sempre a formação séria e continuada de animadores atuais e futuros.

Conclusão

Os jovens empenhados no Movimento Juvenil Salesiano chamam-se “salesianos” e estão conscientes de fazer parte do grande movimento iniciado por Dom Bosco. Talvez a chave de leitura se chama “animação”, entusiasmando sempre maior número de jovens a fazer parte da missão que Deus confiou a Dom Bosco e a Maria Domingas Mazzarello. No Confronto ’92 pudemos verificar um grande entusiasmo por estes dois santos.

Encontros grandes em nível inspetorial, interinspetorial e internacional são um momento de intensa experiência de família e de participação num carisma na Igreja. São ocasião de renovação

espiritual e de união indispensável para fazer crescer o Movimento Juvenil Salesiano, no qual os jovens querem identificar-se.

Nas várias regiões da Congregação estas concentrações fazem surgir uma consciência vocacional, laical e religiosa, no coração de tantas pessoas que estão à procura da própria identificação com a realidade salesiana.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.2. A ORGANIZAÇÃO INSPETORIAL DA FAMÍLIA SALESIANA DE DOM BOSCO

P. Antonio MARTINELLI

Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

1. Retomando um assunto que sempre se deve completar

A partir de duas experiências de Família Salesiana vividas entre junho e julho, sou levado a retomar um assunto que merece ser completado, adequando-o às premissas.

1.1. Os fatos são os seguintes

1º) Antes do mais, o *encontro dos responsáveis centrais representantes de todos os grupos* (alguns ficaram ausentes) da Família Salesiana, em torno da *carta da comunhão*; uma tentativa de se dar como Família de Dom Bosco alguns pontos de referência partilhados por todos e que se devem colocar na base das relações interpessoais e/ou institucionais; orientações, intuições, sensibilidades espirituais e educativas capazes de sustentar, entre os diversos e diferentes grupos, intervenções operativas pastorais comuns (cf. ACG n. 341, no qual se fala da iniciativa do Dicastério).

Um trabalho iniciado já há muitos anos e retomado em junho passado, porque pareciam maduros os tempos para uma “comunhão reconhecida e organizada” dentro da Família.

Numa palavra, a procura de um “conjunto” que encontra nos elementos da espiritualidade a sua base segura e compartilhada por todos os que vêem Dom Bosco como pai e mestre.

2º) Em segundo lugar, o *Curso de Formação Permanente para delegados inspetoriais para a Família Salesiana*, na Pisana durante todo o mês de julho de 1992.

A participação foi muito grande. A maioria das Inspetorias salesianas do mundo estava representada. Irmãos vivamente interessados no tema do “conjunto da Família” viveram um mês de atividades interessantes, ricas e animadas de esperança para o futuro.

A perspectiva fundamental de todos os trabalhos foi a procura do “como” e “mediante quais instrumentos” realizar, dentro da Inspetoria, a Família Salesiana.

O curso encerrou-se com a indicação de deixas e sugestões práticas que deverão ser utilizadas para um “*manual do encarregado inspetorial para a Família Salesiana*”. O dicastério comprometeu-se a prepará-lo quanto antes.

Do primeiro e do segundo encontro deduzi que existe da parte de todos os grupos, um sincero desejo de unidade e de partilha, revelando que uma série de inadimplências práticas reduziram em mais de um caso os resultados da comunhão.

Superar as dificuldades de ontem é garantir um desenvolvimento e uma consistência à Família nos níveis inspetorial e local. E isto é um compromisso que desejamos vivamente levar a termo.

1.2. As premissas são muitas e interessantes

Indico-as sem reproduzi-las materialmente, convidando, porém, os Inspetores e os Diretores a relerem com atenção as páginas dedicadas à Família Salesiana nos respectivos “manuais” e as postas como anexo ao Capítulo Geral 21.

1º) Confrontar o *Inspetor Salesiano, um ministério para a animação e o governo da comunidade inspetorial*, parte terceira, capítulo 9, §2. “Animação e governo da Inspetoria, comunidade aberta e em comunhão”. A comunhão com a Família Salesiana.

2º) Confrontar também *O Diretor Salesiano, um ministério para a animação e o governo da comunidade local*, capítulo 5, “Animação e governo de uma comunidade pastoral de apóstolos salesianos”, §3. A co-responsabilidade e coordenação pastoral de uma comunidade “situada” e aberta.

3º) Confrontar do Capítulo Geral 21 os anexos seguintes:

— Anexo 12: *Resposta do CG21 à mensagem das Filhas de Maria Auxiliadora.*

— Anexo 13: *Resposta do CG21 à mensagem dos Cooperadores Salesianos.*

— Anexo 14: *Resposta do CG21 à mensagem das Voluntárias de Dom Bosco.*

— Anexo 15: *Resposta do CG21 à mensagem dos Ex-alunos salesianos.*

2. Realização de um futuro projetado

2.1. Os primeiros responsáveis: Inspetor e delegados

Tornar operativas as premissas lembradas no parágrafo precedente exigiu até hoje o empenho direto pelo menos do Inspetor e dos seus delegados para os Cooperadores e para os Ex-alunos.

2.2. O serviço do Inspetor à Família Salesiana

Sem dúvida o Inspetor continua sendo o *animador primeiro e mais eficaz da Família*. É o salesiano a quem se pede mais neste campo, pelo papel e função típica de educador e pastor nas iniciativas de “conjunto”. Quando falta sua animação, é muito difícil criar o clima de comunhão e partilha, espiritual e apostólica.

A ele é confiada não só a responsabilidade ligada ao artigo 5 das Constituições e que atinge todos os Salesianos fiéis ao carisma de Dom Bosco, mas também o que deriva do seu mandato: *A cada*

Inspetoria é preposto um Inspetor. Exerce o seu serviço em união com o Reitor-Mor, com caridade e sentido pastoral, visando à formação de uma comunidade fraterna inspetorial” (Const. 161): dentro da comunidade fraterna apostólica dos salesianos, a preocupação por “toda” a vocação salesiana.

1º) O cuidado do Inspetor se concretiza de modo particular, segundo os nossos Regulamentos, em “*sensibilizar as comunidades para que cumpram sua função na Família Salesiana*” (Reg. 36). Isto é, ajudar irmãos e comunidade a uma mudança de mentalidade e, por isso, de modalidades de trabalho: pensar, organizar, agir em nível de Família, para responder de maneira adequada à complexidade da situação dos jovens hoje, e às exigências típicas do carisma salesiano que Dom Bosco nos deixou.

A co-presença geográfica, em territórios bem definidos eclesial e civilmente, de “várias forças apostólicas” (cf. Const. 1), todas nascidas de Dom Bosco ou por ele inspiradas, não pode deixar de tornar-se co-responsabilidade espiritual e apostólica.

2º) Não falta ao Inspetor ocasião para “falar do conjunto”, para “pôr sinais de conjunto”, para “organizar intervenções” que constroem e manifestam o “conjunto”, para exprimir a paternidade no estilo de Dom Bosco, que recolhia em torno de si todos os que estavam interessados na mesma missão juvenil e popular.

Em artigo do n. 336 dos Atos do Conselho Geral eu tinha indicado uma série de possibilidades a serem realizadas para viver o “conjunto” (cf. ib. pp. 53 e seguintes). Aqui quero lembrar duas circunstâncias nas quais se pode “sensibilizar as comunidades”.

3º) Em primeiro lugar, a *visita inspetorial às comunidades* torne-se o momento privilegiado para construir e manifestar a Família Salesiana local. Durante sua permanência, o Inspetor promova “um como dia da Família Salesiana local”, devidamente preparado pela comunidade. Poderia tornar-se “sinal” e um “ponto de partida” da mudança de mentalidade.

4º) Além disso, o Inspetor convide as comunidades a fazerem objeto de reflexão, aprofundamento e decisões práticas o tema e a realidade carismática da Família Salesiana durante o dia comunitário, semanal ou quinzenal, como quer o CG23 e várias vezes lembram os Atos do Conselho Geral.

5º) Um último aspecto quereria confiar ao Inspetor nestas páginas dos Atos: a instituição de alguns grupos que são parte viva da Família Salesiana e para cuja existência é indispensável uma intervenção explícita e direta da comunidade salesiana que deles se encarrega.

Algumas Inspetorias, por exemplo, não têm a “presença” de Voluntárias de Dom Bosco. Mas o contexto cultural secularizado teria necessidade do fermento da “consagração secular”. Se a comunidade não der o primeiro passo, e o Inspetor não mostrar aos irmãos também esta vocação salesiana que se deve fazer crescer no trabalho apostólico que desenvolvem nos grupos juvenis e nas paróquias, a vocação para Voluntária viverá as mesmas dificuldades das vocações religiosas salesianas, SDB e FMA.

Muitas Inspetorias, ainda não criaram o clima necessário para fazer nascer a Associação de Maria Auxiliadora. Se alguns irmãos, apoiados e estimulados pela autoridade inspetorial, tomarem a iniciativa da animação deste grupo, todos os que pertencem à Família Salesiana receberão os benefícios de uma renovada devoção a Maria.

2.3. O serviço dos delegados inspetoriais

A determinação do artigo 137 das Constituições que apresenta a figura e a função do Conselheiro Geral para a Família Salesiana vale também para a organização do trabalho nas Inspetorias que providenciaram delegados ou assistentes para cooperadores, ex-alunos e voluntárias de Dom Bosco.

Ao lado do Inspetor são essenciais a presença e o serviço dos *delegados inspetoriais para cooperadores e ex-alunos*: sua escolha é condição de êxito no trabalho com a Família Salesiana.

Algumas Inspetorias optaram por um só irmão com o duplo encargo. Esta solução é muitas vezes ditada pela escassez de pessoal. Ficaria, porém, preservada de possíveis confusões a identidade dos dois grupos, para não exigir compromissos e atuações que não competem de maneira uniforme às duas associações. Deve considerar-se a diversidade de destinatários, de intervenções formativas

e organizativas, de orientações operativas, de testemunho eclesial e de presença educativa e civil, também no momento da convergência pastoral. Esquecer as diversidades significa não prestar um serviço adequado às necessidades na perspectiva do cumprimento do carisma salesiano de Dom Bosco.

1º) Os delegados inspetoriais, já assistentes das Voluntárias e qualquer outro animador (empregando um termo que amplamente compreende diversas situações) de um grupo devem referir-se a três indicações, para um desenvolvimento ordenado da Família na Inspeção:

— à *carta que institui o grupo* para conhecer-lhe a identidade e a finalidade. Seria útil que os delegados, assistentes e animadores inspetoriais de um grupo conhecessem também estatutos e regulamentos dos outros grupos, para uma visão global da vida da Família, e para uma coordenação real das forças;

— aos *artigos, contidos nos textos fundamentais do grupo, que se referem à Família Salesiana*. Muitas vezes são aí apontadas características do espírito salesiano, particularidades das e nas relações com a Congregação salesiana, âmbitos e modalidades de trabalho educativo e pastoral, etc.

— ao *documento de reconhecimento de pertença à Família Salesiana*. A carta do Reitor-Mor lembra os elementos do espírito salesiano presentes no grupo, as originalidades de releitura espiritual do carisma de Dom Bosco e o “dar e receber” que deverá caracterizar as relações internas e externas na mesma Família.

2º) Delegados, assistentes e animadores considerem atentamente os poucos artigos regulamentares Reg. (36-40) sobre o serviço à Família Salesiana. Emergem pedidos que definem de maneira original as diferentes presenças animadoras. É apresentado o mínimo que permitirá dar novos passos de crescimento na comunhão e na solidariedade com todos os outros.

Note-se, entretanto, como os Regulamentos Gerais quiseram acolher os pedidos que haviam sido apresentados no CG21: institucionalizou-se assim uma exigência real expressa pela Família Salesiana.

Note-se ainda a insistência em envolver sempre os responsáveis dos grupos nas opções e nas propostas, como sinal de reconhecida autonomia.

Note-se, por fim, que o discurso operativo com a Família Salesiana é dirigido continuamente à “comunidade”. Delegados, assistentes e animadores inspetoriais esforcem-se para que a comunidade tenha consciência de ser “núcleo animador” de outras forças apostólicas.

3º) Denominador comum a delegados, assistentes e animadores, é a formação dos leigos.

É bom reler o artigo 47 das Constituições e aplicá-lo aos contextos em que se vive e trabalha: *“Realizamos em nossas obras a comunidade educativa e pastoral. Ela envolve, em clima de família, jovens e adultos, pais e educadores, até poder tornar-se uma experiência de Igreja, reveladora do plano de Deus.*

Nessa comunidade, os leigos, associados ao nosso trabalho, dão a contribuição original de sua experiência e modelo de vida.

Acolhemos e despertamos a sua colaboração e oferecemos a possibilidade de conhecer e aprofundar o espírito salesiano e a prática do Sistema Preventivo.

Favorecemos o crescimento espiritual de cada um e propomos, a quem se sente chamado, que participe de maneira mais estreita da nossa missão na Família Salesiana”.

Está expresso aí o amplo campo de animação que se abre a todos os delegados inspetoriais!

2.4. Uma rápida pesquisa através das Inspetorias poria em evidência quanto já se realizou e quanto resta por fazer em favor de uma Família Salesiana operosa e significativa no território e na Igreja. É determinante a obra dos delegados, assistentes ou animadores inspetoriais.

Parece necessário desempenhar uma função de união, coordenação e animação do “conjunto da Família Salesiana”.

Volto, pois, a esse ponto.

3. O delegado inspetorial para a Família Salesiana

Há uma figura e há uma função que é necessário definir com maiores detalhes: o *delegado para a Família Salesiana*.

Antes de enumerar uma série de possíveis atividades e intervenções que lhe são pedidas, deve-se afirmar que não se trata de uma novidade que estejamos a introduzir com a presente reflexão. É clara a referência do artigo 147 dos Regulamentos Gerais: “O Inspetor, *MEDIANTE oportunos contatos com os diversos grupos da Família Salesiana e POR INTERMÉDIO DO SEU DELEGADO, procurará favorecer o sentido de pertença e o aprofundamento da vocação comum*”.

As maiúsculas não estão assim no texto constitucional. Servem aqui para ressaltar “*onde e como*” se coloca a sua ação.

Seguem-se logo duas reflexões.

3.1. É delegado do Inspetor

Ao artigo 147 dos Regulamentos Gerais repete-o claramente com as duas expressões: “seu delegado” e “por intermédio do seu delegado”. Esta precisão define sua relação com o Inspetor.

A animação e o governo da Inspeção, em todos os seus aspectos e setores, continuam sempre confiados ao Inspetor e ao seu Conselho, na conformidade das Constituições artigo 161. Isto é, reconhece-se e lembra-se a autoridade e o empenho dos órgãos de governo inspetorial relativamente à Família Salesiana. A intervenção sobre os grupos é programada no Conselho Inspeção.

Por outra parte, é preciso reconhecer que a Família Salesiana é “sujeito”, não apenas destinatária, de educação e de evangelização no estilo e espírito de Dom Bosco. É um recurso apostólico de particular significado para a Congregação.

O delegado inspetorial do conjunto realiza uma obra de iluminação em favor do Conselho Inspeção, apresentando as possibilidades carismáticas dos diferentes grupos de seu envolvimento missionário, para uma resposta salesiana diferenciada aos problemas dos jovens e da classe popular em determinado território.

Atento e conhecedor da participação e da co-responsabilidade dos leigos num projeto educativo e pastoral, o delegado para a Família Salesiana apresentará ao Inspetor e ao Conselho as linhas fundamentais para uma eficaz inserção dos leigos nas comunidades educativas dos nossos ambientes.

3.2. É delegado inspetorial entre outros delegados inspetoriais de setores distintos

Lembra-se aqui um aspecto muito importante da animação global de uma Inspetoria. O serviço do delegado inspetorial para a Família Salesiana se insere numa estrutura operativa mais vasta e mais organizada, em harmonia com as Constituições. Não se pode, pois, prescindir da vida e da história de cada Inspetoria.

Em alguns casos trata-se de estruturas organizadas com delegados inspetoriais e grupos de peritos ou colaboradores; *em outras circunstâncias* nos encontramos diante de funções confiadas a irmãos oficialmente encarregados de determinados serviços; enfim, *em particulares situações*, sobretudo onde escasseia o pessoal salesiano, somente alguns setores operativos estão providos de responsáveis por atividades específicas setoriais.

São esses os contextos concretos em que deve operar também o delegado para a Família, considerando tanto a organização salesiana SDB da Inspetoria, quanto o quadro global dos diferentes grupos que constituem numa Inspetoria a Família de Dom Bosco.

Conseqüentemente, dará uma particular “*contribuição*” à coordenação dos setores pastorais da organização dos SDB e terá a “*função primária*” da coordenação dos grupos da Família Salesiana.

3.3. O entendimento entre os muitos delegados numa Inspetoria é uma exigência fundamental da pastoral e do crescimento das pessoas. A convergência nascerá tendo presentes os problemas e as interrogações, isto é, os desafios que nascem do mundo dos jovens em contínua evolução e à procura do sentido do viver e do agir.

Procurar juntos é permanecer fiéis a Dom Bosco.

3.4. *É delegado com funções próprias*

Não vou expor de maneira pormenorizada as várias funções, mas algumas perspectivas que indicam o trabalho possível do delegado inspetorial para a Família Salesiana.

As funções de coordenação, não somente operativa mas também doutrinal, espiritual e apostólica, em nível inspetorial, interessam o seu serviço.

1º) *Do ponto de vista doutrinal* promoverá:

— dias de reflexão, estudo e aprofundamento da natureza carismática da Família Salesiana, no seu “conjunto” e em cada grupo;

— encontros abertos a todos e seminários especializados sobre a espiritualidade salesiana, para descobrir continuamente a originalidade da proposta que nasce da experiência religiosa de Dom Bosco;

— a mentalização, sobretudo dos responsáveis pelos vários grupos, da importância de assumir, ordinariamente, a categoria da “Família de Dom Bosco” antes de qualquer decisão operativa.

2º) *Do ponto de vista espiritual* o empenho será particularmente o de:

— favorecer experiências de conjunto (momentos de fraternidade, de oração, de festa, de compromisso apostólico) em que se vive plenamente o espírito de família típico de Dom Bosco;

— considerar a função do “sacerdócio ordenado” na Família Salesiana relativamente ao crescimento evangélico de cada pessoa (mediante a revalorização dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia) e à riqueza de caridade pastoral que todos os grupos são chamados a viver;

— fazer preparar oportunos subsídios sobre cada um dos aspectos da espiritualidade salesiana em colaboração com os diversos delegados, assistentes e animadores dos grupos.

3º) *Do ponto de vista operativo* o trabalho deverá desenvolver-se em três aspectos:

— do crescimento harmônico da Família Salesiana inspetorial. Ajudará, pois, os grupos mais fracos e frágeis, ou então os ausentes, para que tenham um direito de cidadania na Inspetoria;

— da unidade dos projetos com que os diferentes grupos da Família se apresentarem à pastoral orgânica da Igreja local ou diante das instituições civis;

— por fim, da formação. O delegado inspetorial terá uma presença de estímulo e apoio junto às estruturas formativas dos grupos, existentes no território, a fim de que a dimensão da Família Salesiana venha a ser acolhida por formadores e formandos.

4. Conclusão

O delegado inspetorial é um salesiano capaz de grandes e profundas relações com todos os grupos e respectivos responsáveis. Tece de contínuo relações para que todos descubram as vantagens de trabalhar “juntos” no campo da educação e da evangelização.

A Família de Dom Bosco não é somente uma idéia. A Família Salesiana é a resposta salesiana ao desafio da educação nova e da nova evangelização hoje.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Em julho, quando o Conselho Geral ainda se achava em sessão plenária, o Reitor-Mor esteve duas vezes com os participantes do Encontro sobre a Família Salesiana.

Depois, no dia 20, foi convidado a tratar de um tema sobre os jovens no Capítulo Geral das Irmãs Marianistas.

Dia 25 participou da abertura do Capítulo Inspecorial da Inspeção Romana, e dias depois, reuniu os irmãos (eslovenos e italianos) que iriam para a Albânia a fim de iniciar as primeiras presenças salesianas.

Sempre em julho, nos dias 23 e 30, participou de um Congresso de responsáveis salesianos pela escola na Itália.

Terminada a sessão plenária do Conselho, em 9 e 10 de agosto o Reitor-Mor inaugurou, no Colle Dom Bosco, o Confronto '92 com 1.300 jovens representantes de toda a Europa.

No meio do mês foi-lhe notificada pela Santa Sé a sua participação na 5ª Assembléia do Episcopado Latino-americano, confiando-lhe o documento de trabalho para a preparação.

Dia 30 de agosto falou no Capítulo Inspecorial da Inspeção Lombardo-Emiliana.

A viagem seguinte levou-o a Sevilha, na Espanha, de 1 a 6 de setembro, convidado pelo Inspetor e irmãs a visitar a "Expo-92".

Em 8 de setembro recebeu, no Sagrado Coração de Roma, as primeiras profissões dos noviços de Lanuvio; dias 9 e 20 do mesmo mês celebrou a festa de Dom Bosco respectivamente em Pescasseroli (L'Aquila) e em Buscate (Milão); de 26 a 30 de setembro visitou os irmãos na Eslovênia.

4.2 Crônica do Conselho Geral

Em 2 de junho de 92 teve início a sessão plenária de verão do Conselho Geral. Ao introduzir os trabalhos, após agradecer aos Conselheiros as fadigas dos meses anteriores em viagens e visitas de animação às comunidades e aos irmãos, o Reitor-Mor ressaltou o empenho que aguardava o Conselho, também à luz dos recentes acontecimentos salesianos e de alguns eventos eclesiais significativos.

A ordem do dia da sessão (com 32 reuniões plenárias, além dos trabalhos em grupos e comissões) foi muito densa: como sempre, foram numerosos os assuntos de governo “ordinário” (nomeação de conselheiros inspetoriais, diretores, mestres dos noviços; aberturas e ereções canônicas; questões referentes aos irmãos; questões econômico-administrativas); foram também tratados temas mais gerais, relativos à animação e ao governo da Sociedade.

Vai aqui sumariamente uma lista de alguns argumentos mais importantes.

1. *Nomeação de Inspetores.* Somente três nesta sessão foram os novos Inspetores nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho: os Inspetores de Pila e de Wroclaw, na Polônia, e o Inspetor de Lima, Peru. Mediante o procedimento habitual, foram cuidadosamente examinadas as consultas inspetoriais e fez-se o discernimento, que levou à escolha dos novos superiores (cf. n. 5.4 deste número dos ACG).

2. *Visitas extraordinárias.* Grande atenção foi dedicada ao exame dos relatórios das visitas extraordinárias às Inspetorias, apresentadas pelos respectivos Visitadores (Vigário do RMM, Ecônomo Geral, Conselheiros Regionais). Estas as Inspetorias, ou Visitadorias, visitadas (em ordem

alfabética): África do Leste, Brasil-Porto Alegre, Colômbia-Medellin, Croácia, França-Paris, Índia-Dimapur, Itália-Adriática, Itália-Lombardo-Emiliana, Irália-Vêneta do Oeste, Coréia, México-Guadalajara, Polônia-Pila, Espanha-Barcelona, Espanha-Valencia. Foram apresentados também os relatórios das visitas às Delegações Inspetoriais da Indonésia-Timor e de Papua Nova Guiné.

3. *Capítulos inspetoriais.* Várias Inspetorias já haviam realizado — na primeira metade de 1992 — seus Capítulos Inspetoriais. O Conselho Geral examinou-lhes os documentos, aprovando as deliberações capitulares, na forma do art. 170 das Constituições. Eis a lista dos Capítulos Inspetoriais aprovados (em ordem alfabética): Áustria, Bélgica do Norte, Bolívia, Canadá do Leste, Alemanha-Colônia, Grã-Bretanha, Hong Kong, Espanha-Barcelona, Espanha-Bilbau, Espanha-León, Espanha-Madri, Espanha-Sevilha, Espanha-Valencia, Vietnã.

4. *Prestação de contas econômico-administrativa.* De acordo com os Regulamentos Gerais, o Conselho examinou e aprovou o relatório administrativo anual da Direção Geral (balanço de 1991 e previsão orçamentária para 1992), apresentado pelo Ecônomo Geral.

5. *Novas circunscrições jurídicas.* No âmbito do governo e da animação da Sociedade, o Conselho Geral tomou duas importantes decisões:

5.1 *“Circunscrição Especial do Piemonte”.* Prosseguindo a reflexão já iniciada nas precedentes sessões sobre a reorganização das presenças salesianas no Piemonte, depois de haver cuidadosamente examinado os resultados da consulta promovida entre os irmãos, e tendo em conta os pareceres dos Conselhos Inspetoriais, o Conselho Geral chegou à determinação de encaminhar as fases de atuação para constituir uma “circunscrição especial” (cf. Const. 156) no Piemonte salesiano. Traçou as linhas principais da fisionomia dessa circunscrição (forma de governo, representação no Capítulo Geral, especial cuidado dos lugares históricos salesianos) e fixou uma data para o início (possivelmente 1º de setembro de 1993, não além do 1º de setembro de 1994). Solicitou então aos três Conselhos Inspetoriais que definissem alguns aspectos concretos, que — após a aprovação do Conselho Geral — entrarão no decreto de ereção canônica.

5.2 *“Circunscrição Especial de Madagascar”.* No “âmbito da ordenação da África salesiana, o Conselho Geral — que havia alguns anos aprovava a nomeação de um

Delegado do Reitor-Mor para Madagascar — decidiu constituir as presenças salesianas de Madagascar em “circunscrição especial” de acordo com as Const. 156. O n. 5.3 destes ACG traz o decreto de ereção canônica.

6. *Agência salesiana de informação.* Já na sessão plenária anterior o Conselho Geral havia aprovado um quadro complexo de referência sobre a “*política informativa da Congregação*” e iniciado um estudo concreto visando à realização de uma “*Agência de Notícias*” de tipo profissional (cf. ACG 340, n. 4.2) Agora, cuidadosamente examinados os resultados do estudo realizado (com o parecer técnico de uma agência profissional), o Conselho Geral aprovou o projeto de uma “*Agência salesiana de informação*”, determinando as modalidades de funcionamento (em relação com o Dicastério da Comunicação Social e com o Conselho Geral), o organograma e também o orçamento das despesas.

7. *Outros temas de animação e governo* examinados durante a sessão foram os seguintes:

7.1 *Carta da comunhão da Família Salesiana:* o Conselho Geral deu sua contribuição para um esboço de “carta de comunhão”: proposta pelo Dicastério para a Família Salesiana,

na qual se deseja recolher alguns elementos comuns aos diversos grupos da Família Salesiana, para uma cada vez mais viva colaboração no espírito e na missão. O esboço foi em seguida examinado num encontro de responsáveis dos diversos grupos e será retomado a seguir.

7.2 Pertença à Família Salesiana das Irmãs Catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora: o Conselho Geral estudou, segundo os critérios estabelecidos, e deu parecer favorável ao reconhecimento oficial da pertença à Família Salesiana desse Instituto, fundado em Krishnagar pelo bispo salesiano D. Louis Laravoire Morrow (cf. no n. 5.1 a carta do Reitor-Mor).

7.3 Estatuto da Procuradoria Missões Dom Bosco em Turim: o Conselho Geral examinou o esboço do estatuto proposto, com a colaboração do Conselheiro para as Missões e do Conselheiro Regional, de acordo com Reg. 24, e deu indicações para uma adequada realização dessa Procuradoria, que tem particular importância pela sua ligação com o “Projeto Valadocco” e com a Congregação.

7.4 O Instituto Histórico Salesiano: nos primeiros dez anos de vida do Instituto Histórico Salesiano, pedido pelo CG21 e levado a efeito pelo Reitor-Mor com o seu Conselho em 1981, o Conselho Geral fez uma reflexão para atualizar-se quanto ao trabalho desenvolvido e sobretudo para estudar co-responsavelmente a maneira de uma continuação eficiente do Instituto.

A sessão plenária caracterizou-se também por momentos de fraternidade e oração. Particular importância teve a semana dedicada aos Exercícios Espirituais, em Frascati, na “Villa Tuscolana”, acolhidos com muita cordialidade pela Inspetoria Romana. Animador e guia dos Exercícios foi o P. Antonio Sicari, Superior da Província Vêneta dos Carmelitas Descalços, que desenvolveu interessantes temas de vida espiritual.

A sessão terminou dia 30 de julho, depois de haver celebrado — dia 26 de julho — o aniversário do Reitor-Mor.

5.1 Reconhecimento da pertença do Instituto das Irmãs Catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora à Família Salesiana

Reproduzimos a carta do Reitor-Mor à Madre Geral das Irmãs de Maria Imaculada Auxiliadora de Krishnagar, comunicando o reconhecimento oficial da pertença do Instituto à Família Salesiana.

Prot. N. 92/1470

Reverenda Madre Pieta Manavalan, SMI
Sisters of Mary Immaculate
Krishnagar 741101A, India

Reverenda Madre,

Comunico-lhe com alegria e satisfação que no plenário do Conselho Geral dos Salesianos de Dom Bosco, dia 10 de junho de 1992, foi considerado o pedido de reconhecimento oficial de pertença do vosso Instituto à Família Salesiana de Dom Bosco. Nossa resposta é positiva.

O pedido apresentado pela primeira vez em 24 de julho de 1982, baseado numa votação unânime do Capítulo Geral encerrado em junho de 1981, não foi adiante por causa

do falecimento do P. João Raineri, Conselheiro Geral para a Família Salesiana.

Em diversas cartas enviadas pela Madre Geral ao Reitor-Mor, P. Egidio Viganó, e ao Conselheiro para a Família Salesiana, P. Antonio Martinelli, durante o ano 1991, foi novamente apresentado o mesmo pedido “de acordo com a decisão do Capítulo Geral de 1987 e da reunião do nosso Conselho de 14 de dezembro de 1990”.

Admiramos a constância em perseguir, durante dez anos, o objetivo do reconhecimento oficial de pertença à Família Salesiana.

O Fundador, D. Louis Laravoire Morrow, foi um grande salesiano, homem de cultura, conhecido como catequista, ardoroso missionário, bispo que participou do Concílio Ecumênico Vaticano II.

A direção espiritual confiada de início ao “delegado do fundador”, o salesiano P. Luis Gobetti, e continuada por outros salesianos ricos do espírito de Dom Bosco, assegurou ao Instituto laços profundos com a Família Salesiana.

Reencontramos nos Atos do último Capítulo Geral (1º de outubro - 2 de novembro de 1987) e nas Constituições e Regulamentos

(aprovados definitivamente pela Santa Sé dia 29 de junho de 1990 e promulgados dia 8 de dezembro do mesmo ano) muitos elementos que se reportam à visão, material e carismática, das Constituições dos SDB.

É evidente, lendo as Constituições, que partilhaiis o espírito salesiano. O capítulo segundo expressa tudo isso de maneira explícita. Reproduzo os títulos de cada artigo:

9. O nosso caminho de vida (= o nosso espírito).
10. O Cristo do Evangelho, fonte do nosso espírito.
11. A nossa união com Deus.
12. O sentido vivo de Igreja.
13. Espírito de família.
14. Comportamento mariano.
15. Apostolado do sorriso.
16. Características da nossa vida ativa (zelo, ascese, criatividade...).
17. O “caminho da infância espiritual” de Santa Teresinha.
18. O Sistema Preventivo de Dom Bosco (caridade pastoral, presença educativa...).

Dentro da Família Salesiana vós vos colocais com um dom específico e uma contribuição especial. A vossa originalidade está no fato que recebestes do Fundador ao mesmo tempo:

— a espiritualidade do “caminho da infância espiritual” de Santa Teresa de Lisieux (portanto sentido vivíssimo da paternidade

de Deus, simplicidade e confiança “de crianças”, sentido do Reino...),

— e o espírito do “da mihi animas” e do Sistema Preventivo de Dom Bosco (portanto, zelo pastoral, iniciativa, otimismo, sentido da Igreja, ascese do trabalho, bondade, espírito de família...).

A apreensão na vida e na reflexão do encontro entre Dom Bosco “salesiano” e Santa Teresinha “carmelita” poderá tornar-se um bem comum a toda a Família de Dom Bosco. Há aqui um empenho concreto do vosso Instituto em benefício de todos. Precisar na medida do possível e de que maneira o carisma salesiano se enriquece quando recebe os valores do “caminho da infância espiritual” oferecerá a todos os grupos da Família nova ocasião para dar graças a Deus pelo dom inestimável que representa na Igreja a experiência espiritual de Dom Bosco.

As afirmações contidas na primeira e segunda declaração do vosso último Capítulo Geral encontram um cumprimento concreto: “Em espírito de humildade, promovemos contatos com os outros membros da Família Salesiana, tendo em vista uma colaboração com eles no apostolado e um aprofundamento da nossa compreensão do Sistema Preventivo”.

O reconhecimento explícito do Reitor-Mor como “o sucessor de Dom Bosco, o Pai e centro de unidade da Família Salesiana” ajudará todo o Instituto a sentir a necessidade da comunhão com todos os grupos que se tornam disponíveis a ser “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens” e a expressar nas diversas dimensões da vossa vida como “Irmãs catequistas de Maria Imaculada Auxiliadora” a fecundidade do Sistema Preventivo que é metodologia, pastoral e espiritualidade.

Rezamos para que o Senhor, por intercessão de Maria Imaculada Auxiliadora e de Dom Bosco, vos faça crescer em quantidade e qualidade.

Participamos de vossa alegria pelo fato do reconhecimento.

À senhora, reverenda Madre, ao seu Conselho e a todas as Irmãs uma cordial saudação e a garantia de uma lembrança especial na Eucaristia.

Roma, 10 de junho de 1992.

P. Egidio Viganó
Reitor-Mor

5.2 Nova circunscrição jurídica em Madagáscar

Reproduzimos o decreto de ereção canônica de uma nova “circunscrição especial” em Madagáscar, aprovado pelo Reitor-Mor, com o consentimento

do Conselho Geral, de acordo com Const. 156, no âmbito da coordenação do “Projeto África”.

Prot. n. 255/92

O REITOR-MOR
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

- atentamente considerada a situação da Obra Salesiana na República de Madagáscar;
- levando em consideração o parecer favorável expresso nas consultas feitas ao seu Delegado pessoal, aos Inspetores interessados e aos irmãos que trabalham em Madagáscar;
- visto o art. 156 das Constituições,

com o consentimento do Conselho Geral na reunião ordinária de 9 de julho de 1992, de acordo com os artigos 132 e 156 das Constituições,

DECRETA

1. É erigida a CIRCUNSCRIÇÃO “MARIA IMACULADA” EM ESTATUTO ESPECIAL, com sede em IVATO, “São João Bosco, (Maison Don Bosco) Madagáscar, constituída pelas seguintes casas:

- ANKILILOAKA, “São João Bosco”
- BEMANEVIKY, “São João Bosco”

- BETAFO, “São João Bosco”
- IJELY, “São João Bosco”
- IVATO, “Nossa Senhora de Claraval”
- IVATO, “São João Bosco” (Maison Don Bosco)
- MAHAJANGA, “São João Bosco”
- TULEAR, “Maria Auxiliadora”.

2. A esta Circunscrição “Maria Imaculada” em Estatuto especial pertencem os irmãos atualmente designados para as Casas supra indicadas.

3. O Superior da Circunscrição tem as faculdades à semelhança de Superior Maior. Será ajudado no governo e animação por um Conselho composto pelo Vigário, pelo Ecônomo e por três Conselheiros, propostos após oportuna consulta — e nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho.

4. Na forma dos artigos 156 das Constituições e 114 dos Regulamentos Gerais, participará do Capítulo Geral um Delegado, eleito pelos irmãos reunidos no Capítulo da Circunscrição.

O Capítulo da Circunscrição é composto pelo Superior, que preside, pelos membros do Conselho da Circunscrição, pelos Diretores e por um delegado de cada comunidade canonicamente ereta, como também pelos delegados dos irmãos eleitos na proporção de um cada vinte e cinco, de acordo com Reg. 165.

5. O âmbito das relações da Circunscrição com as Inspetorias de

origem das atuais presenças é definido numa Convenção estipulada entre o Superior da nova Circunscrição com o seu Conselho e os Inspetores interessados, aprovada pelo Reitor-Mor.

6. O presente Decreto entrará em vigor dia 31 de janeiro de 1993.

Roma, 9 de julho de 1992.

P. Egidio Viganó

Reitor-Mor

P. Francisco Maraccani

Secretário Geral

5.3 Nomeação do Postulador Geral

O Reitor-Mor nomeou o P. Pasquale Liberatore como novo Postulador Geral da nossa Congregação. Ele presta o seu serviço também ao Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Um agradecimento especial foi feito pelo Reitor-Mor e pelo seu Conselho ao P. Luis Fiora em virtude do precioso e competente serviço prestado por muitos anos.

Eis o Rescrito da nomeação do P. Liberatore.

P. EGIDIO VIGANÓ

Reitor-Mor

da Sociedade Salesiana

ao P. PASQUALE LIBERATORE
professo da mesma Sociedade.

Com a presente, eu abaixo assinado, P. Egidio Viganó, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João

Bosco (“Societas Sancti Francisci Salesii”), no intuito de dar glória a Deus e servir a Igreja mediante a manifestação da santidade, com o consentimento do Conselho Geral, *designo e constituo a ti, Rev.mo P. Pasquale Liberatore, Postulador Geral da nossa Congregação*, para que possas agir legitimamente em nome da Congregação Salesiana diante de todas as cúrias diocesanas e diante da Congregação para as Causas dos Santos. Tua função será de promover e acompanhar as Causas de canonização introduzidas ou que venham a introduzir-se no futuro de todos os nossos irmãos, mortos em conceito de santidade, que por sua vida exemplar possam ser considerados dignos da honra dos altares, e sejam de estímulo para a Família Salesiana e para todos os fiéis cristãos.

Para tanto, além das faculdades que o direito comum e as nossas Constituições atribuem ao Postulador Geral, concedo-te, Revmo P. Pasquale Liberatore, todas as faculdades necessárias ou oportunas para o desempenho do cargo que te confiei, inclusive a de nomear um ou mais Vice-Postuladores, que te ajudem na condução das Causas.

Dado em Roma, em 24 de setembro de 1992.

P. Egidio Viganó
Reitor-Mor
P. Francisco Maraccani
Secretário Geral

5.4 Novos Inspetores Salesianos

Aqui estão alguns dados sobre os três novos Inspetores Salesianos, que foram nomeados pelo Reitor-Mor, com o Conselho Geral, durante a sessão plenária de verão, em 1992.

1. P. KOLYSZKO Wladyslaw, Inspetor de PILA (Polônia).

O p. Wladyslaw KOLYSZKO, novo Inspetor da Inspetoria de “Santo Adalberto” de Pila, nasceu em Kulpy, imediações de Lida, província de Vilna, aos 10 de abril de 1942. Atraído pela vocação salesiana, fez o noviciado em Czerwinsk, emitindo a primeira profissão dia 2 de agosto de 1961. Depois da experiência prática do tirocinio e dos estudos teológicos no estudantado salesiano de Lad, era ordenado sacerdote em 3 de junho de 1969.

Após a ordenação sacerdotal, o P. Kolyszko continuou os estudos na Universidade Católica de Lublin, onde conseguiu a láurea em teologia dogmática.

Era em seguida destinado ao estudantado de Lad, onde se dedicou com competência no ensino da teologia. Em 1990 foi nomeado diretor do estudantado de Lad e ao mesmo tempo Conselheiro Inspetorial.

Em 1986 tornou-se Vigário do Inspetor, permanecendo nessa função até à nomeação para Inspetor. Desde 1988 era também diretor da casa inspetorial de Pila.

2. P. Stanislaw SEMIK, Inspetor de WROCLAW (Polónia).

Para suceder a Dom Adam Smigielski, eleito Bispo da diocese de Sosnowiec, foi eleito o P. Stanislaw SEMIK, que era Vigário do Inspetor.

Nascido em Sucha Beskidzkuya, província de Cracóvia, em 5 de maio de 1944, Stanislaw Semik fez o noviciado na casa salesiana de Kopic, e emitiu a primeira profissão em 16 de julho de 1961. Concluídos os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio prático, frequentou o curso teológico no estudantado de Cracóvia, onde foi ordenado sacerdote em 14 de junho de 1970.

Em seguida completou os estudos eclesiais, conseguindo a láurea em teologia pastoral na Universidade Católica de Lublin.

Terminados os estudos, foi destinado ao estudantado de Cracóvia, onde por vários anos ensinou teologia pastoral, servindo também a outros Institutos.

Em 1986 passou a fazer parte do Conselho Inspetorial, e em 1988 nomeado Vice-Inspetor. Mesmo depois da nomeação para Vigário do Inspetor, continuou a colaborar como professor no estudantado teológico.

3. P. Juan VERA, Inspetor de LIMA (Peru).

Juan VERA, novo Inspetor da Inspetoria "Santa Rosa" de Lima,

nasceu em Trujillo, Peru, dia 24 de junho de 1939.

Entrou no colégio salesiano de Magdalena del Mar, onde fez o noviciado e professou como salesiano dia 31 de janeiro de 1959.

Após os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio, foi enviado ao Ateneu Salesiano em Roma para fazer o curso de teologia. Ai conseguiu a licença em teologia, e recebeu a ordenação sacerdotal em 21 de dezembro de 1968.

Voltando ao Peru, foi, em 1973, chamado ao importante cargo de mestre dos noviços. Em 1979 foi nomeado diretor da casa "São João Bosco" de Piura, função que exerceu até 1985. De 1988 a 1990 foi diretor do aspirantado de Chosica; desde 1990 era diretor e pároco na casa de Lima "Maria Auxiliadora.

5.5 Novos Bispos Salesianos

1. Dom Alejandro BUCCOLINI, Bispo de Rio Gallegos (Argentina).

Dia 11 de julho de 1992 foi publicada a notícia da nomeação do nosso irmão P. Alejandro Buccolini, Inspetor da Inspetoria de Rosario, para Bispo da diocese de *Rio Gallegos*, sucedendo ao Bispo salesiano Dom Miguel Angel Alemán, recentemente falecido.

Nascido em 18 de janeiro de 1930 em Ferré, província de Buenos Aires, Argentina, Alejandro Buccolini conheceu os salesianos frequentando o colégio salesiano de La Trinidad e, correspondendo à vocação, fez o

noviciado em Los Condores, onde emitiu a primeira profissão em 31 de janeiro de 1948.

Após as primeiras experiências salesianas, seguiu os cursos teológicos no estudantado de Córdoba, onde foi ordenado sacerdote dia 24 de novembro de 1957.

Conseguido o título de “mestre normal nacional” e a licença em letras clássicas, desempenhou seu ministério como professor educador. Em 1975 foi-lhe confiado o encargo de diretor do aspirantado de Funés; ao mesmo tempo passou a fazer parte do Conselho Insuperior. Depois de só três anos, em 1978 era colocado, como Insuperior, à frente da comunidade insuperior de Rosario.

Terminado o sexênio de Insuperior, continuou a acompanhar a animação insuperior, e em 1985 foi nomeado vigário. Em 1985 recebeu também o encargo de diretor da casa de pós-noviciado em Funés.

Desde 1990 era novamente, por um segundo período, colocado à testa da Insuperioria.

2. Dom Armando BORTOLASO, *Vigário Apostólico de Aleppo (Síria).*

Dia 18 de julho de 1992, o Osservatore Romano noticiava que o Santo Padre havia eleito o sacerdote salesiano *Armando Bortolaso* Vigário Apostólico de *Aleppo dei Latini*, fazendo-o ao mesmo tempo Bispo titular de Rafanea da Síria.

Nascido em 17 de agosto de 1926 em Villaganzerla di Castagnero, província de Vicenza, Itália, Armando Bortolaso entrou em 1936 como aspirante no Instituto Salesiano de Castelnuovo Don Bosco, onde fez os estudos ginasiais. Admitido ao noviciado de Villa Moglia de Chieri, fez aí a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1943.

Ainda jovem tirocinante, partia para o Oriente Médio: sua primeira experiência, em 1948, foi em Istanbul, Turquia; depois passou a Tantur, na Terra Santa, onde fez o curso teológico, sendo ordenado sacerdote em Jerusalém, dia 5 de julho de 1953.

Após a ordenação, o P. Armando foi destinado primeiramente à casa de Belém (1953-56), depois ao estudantado de Cremisan, como animador espiritual. De 1959 a 1965 é diretor da comunidade e da escola profissional “Georges Salem” de Aleppo.

De 1965 a 1969 pôde completar sua formação intelectual na Universidade Católica de Lovânia, Bélgica, obtendo a licença em Ciências Sociológicas.

Voltando à Insuperioria, foi destinado a Nazaré, onde permaneceu por longo período (1969-1986) como animador espiritual da comunidade e dos jovens. Desde 1986 era diretor da comunidade salesiana e da obra de Aleppo. Aí surpreendeu-o a nomeação para Vigário Apostólico.

5.6 Irmãos falecidos (1992 — 3ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
E APARICIO QUINTANILLA P Arnoldo	S. Domingo (El Salvador)	07-09-92	84	—
<i>Foi Bispo por 46 anos, 37 na Diocese de San Vicente</i>				
P BAIO Carlo Filippo	Forli	07-05-92	81	IAD
L BERNAERT Hector	Heverlee	01-09-92	91	BEN
P BERTOLINO Mario	Montevideú	03-07-92	81	URU
P BICEGO Vittorio	Gênova	13-07-92	68	ILT
P BICKER Bernardo	Recife	26-07-92	78	BRE
P BONIFACIO Enrico	Turim	17-09-92	80	ICE
P CAGLIO Giovanni	Santiago	27-07-92	77	CIL
P CAMBIER Jules-Marie	Woluwe-Saint-Lambert	15-08-92	76	BES
P CARVALHO Assis Sebastião	Rio de Janeiro	08-07-92	64	BMA
L CASTELLI Carlo	Arese	22-09-92	81	ILE
P CASTELLINO Giorgio	Roma	24-08-92	89	IRO
P CAVASIN Vittorio	Borgomanero	21-07-92	90	INE
P CELLE Paul	La Tour en Jarez	15-09-92	68	FLY
P COGLIANDRO Alfredo	Canlubang	11-09-92	81	FIL
<i>Foi Inspetor por 18 anos</i>				
L COMBAS Naim	El Houssoun	26-07-92	95	MOR
P CONSONNI Antonio	Arese	13-07-92	89	ILE
P CONTI Calogero	Messina	22-07-92	78	ISI
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P CORANTE Oscar	Callao	26-07-92	64	PER
P CREAC'H Jean-Yves	Caen	10-07-92	75	FPA
P CRISTOFORI Luigi	Grauno Val Cembra	07-09-92	81	IVO
P CROSTA Aldo	Trento	29-07-92	70	IVO
P CURRAO Antonino	Bronte	01-09-92	70	ISI
P DAINOTTO Giuseppe	Palermo	29-08-92	67	ISI
P DE LUCA Pasquale	Randazzo	19-07-92	81	ISI
L DE REGGI Giovanni	Tolmezzo	11-08-92	77	IVE
P DI DOMENICO Pasquale	Vibo Valentia	15-09-92	70	IME
P FEUERLEIN Richard	Planegg-Munique	28-07-92	75	GEM
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
P FRANCHETTO Sergio	Venezia-Mestre	12-09-92	39	IVE
P FRANZOSO Cosimo	Castellammare di Stabia	05-08-92	76	IME
P GARCIA Fabián	Caracas	08-07-92	76	VEN
P GAZZERA Antonio	Turim	29-08-92	70	ISU
L GIUNTA Arcangelo	San Cataldo	31-07-92	81	ISI
P GRECO Alejandro	Rawson	06-08-92	78	ABB
P HEBERLE Reinhard	Bichi	06-08-92	51	GEM
P IBAÑEZ GARCIA Santiago	Madri	26-08-92	69	SMA
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P IBLER Rudolf	Ensdorf-Alemanha	23-08-92	83	CAM
P IZQUIERDO GONZALO Angel	Madri	10-07-92	56	AFM
P KIRBY John Joseph	Cape Town	09-08-92	76	AFM
P LAZZARO Vincenzo	Calcutá	22-07-92	90	INC
P MAIO Antonino	Randazzo	03-08-92	74	ISI
P MANGUETTE Joseph	Liège	18-09-92	89	BES
S MARIN AVILA Federico	México	04-08-92	23	MEM
P MENEZ Jean	Bar-le-Duc	20-09-92	59	FPA
P MOISO Lorenzo	Vercelli	10-09-92	84	INE
P MONGAY MARTIMPÉ Ramón	Barcelona	31-08-92	79	SBA
P MONTEVERDE Juan	Ensenada	05-07-92	73	ALP
E MOURE PIÑEIRO				
Argimiro Daniel	Comodoro Rivadavia	08-09-92	71	—
<i>Foi por 3 anos Inspetor e por 17 Bispo de Comodoro Rivadavia</i>				
P MÜLLER Michael	Memmingen	19-08-92	88	GEM
P OZMEC Ignacio	Santo Domingo	03-09-92	81	ANT
P PANFILO Luciano	Modena	10-08-92	54	IRO
P PARDILLO PADILLA				
José Manuel	Valencia	15-07-92	82	SVA
L PIOTROWSKI Witold	Czerwinsk	13-07-92	83	PLE
L POZZEBON Candido	Civitanova Marche	30-07-92	86	IAD
P RESEN Antonio	Trieste	04-08-92	87	IVE
P ROMERO Gerardo	Quito	14-09-92	88	ECU
P ROSSIN Angelo	Ancona	10-07-92	68	IAD
P SAIZ ASTURIAS Fortunato	Barcelona	15-08-92	81	SBI
L SOARES Benedito	Araxá	07-06-92	98	BBH
P STERCK Joseph	Bonheiden (Bélgica)	09-09-92	73	AFC
P UMANA Michele	Catanzaro	08-08-92	72	IME
P VISSER Antoon	Etterbeck	09-09-92	77	BEN
P VOLPE Antonio	Alvito (Fr)	24-07-92	70	IRO
P VORANO Niceo	Udine	11-08-92	62	IVE
P ZAK Jan	Oswiecim	27-06-92	56	PLS